

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Felipe Cordeiro Alves

VERDADE E FAKE NEWS: a crise do saber e suas relações com a psicanálise

Belo Horizonte

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Felipe Cordeiro Alves

VERDADE E *FAKE NEWS*:

a crise do saber e suas relações com a psicanálise

Belo Horizonte

2021

Felipe Cordeiro Alves

**VERDADE E *FAKE NEWS*:
a crise do saber e suas relações com a psicanálise**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientadora: Profa. Dra. Nádia Laguárdia de Lima.

Belo Horizonte

2021

150 A474v 2021	Alves, Felipe Cordeiro. Verdade e fake news [manuscrito] : a crise do saber e suas relações com a psicanálise / Felipe Cordeiro Alves. - 2021. 107 f. Orientadora: Nádia Laguárdia de Lima. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia. 1. Psicologia – Teses. 2. Fake News - Teses. 3. Verdade - Teses. I. Lima, Nádia Laguárdia de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.
----------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



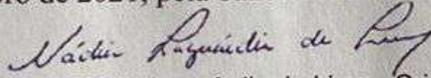
FOLHA DE APROVAÇÃO

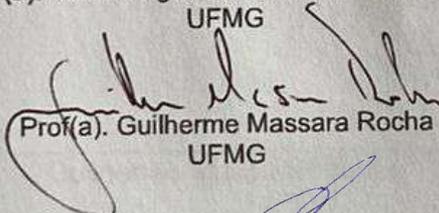
Verdade e fake news: A crise do saber e suas relações com a psicanálise

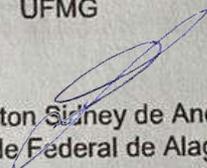
FELIPE CORDEIRO ALVES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 17 de dezembro de 2021, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Nádya Laguardia de Lima - Orientador
UFMG


Prof(a). Guilherme Massara Rocha
UFMG


Prof(a). Cleyton Srinney de Andrade
Universidade Federal de Alagoas

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2021.

*Aos meus pais, por me permitirem escolher
entre os sonhos que lhes foram negados.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Nádia, pela paciência com minhas propostas, nem sempre prudentes, e com meu excessivo apego ao texto, do qual consegui me livrar com grandes dificuldades. Sem sua condução delicada, em um contexto sem precedentes, este trabalho não teria sido realizado.

À única, Hellen Karla, notável amiga e referência, pelo apoio e por figurar como marco em minha vida.

Às colegas Érika Faria e Olívia Brun, pelas importantes conversas e pelo impacto em minha formação.

Agradeço aos pares, Allisson Vasconcelos e Marina Del Papa, meus precedentes, pelo importante intercâmbio e pelas discussões aprofundadas sobre meu objeto de estudo.

Aos colegas Camila Diniz, João Barcellos e João Sangawa, pela rica interlocução e por terem sido meus primeiros pareceristas.

A Davi Kraiser e Paula Bezerra, pela incomum sincronicidade no lapso e pelo generoso parecer, respectivamente.

Ao apoio e à valiosa amizade de Bruno Petrus, Felipe Domingues e Matheus Aurélio.

Finalmente, agradeço à CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG pelo apoio e pela concessão de condições para a conclusão deste trabalho em circunstâncias atípicas.

*Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra,
não morrer, fica ele só, mas se morrer, dá muito fruto.
(A Bíblia Sagrada, 2015, p. 691, João 12:24)*

RESUMO

Alves, F. C. (2021). *Verdade e fake news: a crise do saber e suas relações com a psicanálise* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.

Esta dissertação objetiva investigar as *fake news* recorrendo, em sua construção, a um *design* customizado, que visa a implicar o saber próprio do campo psicanalítico e a posição que este assume diante do operador *verdade*. Para tanto, o trabalho está dividido em quatro capítulos: no primeiro deles, são definidas as *fake news*; no segundo, são atestados os efeitos destas sobre a classe do saber, por meio de literatura própria; no terceiro, discute-se a posição da psicanálise em relação à verdade, lançando as bases da proposta de apreensão das pseudonotícias; finalmente, no quarto capítulo, discorre-se sobre a progressão da verdade através de sua estrutura de ficção, articulando-a ao registro do real, em vista do irreal que ela comporta. Tal percurso tem como norteador o efeito provocativo das *fake news* sobre o saber da psicanálise, que possibilita a construção de uma leitura conceitual da verdade, enfatizando a vertente real dessa categoria.

Palavras-chave: *Fake news*. Saber. Verdade. Real. Psicanálise.

ABSTRACT

Alves, F. C. (2021). *Truth and fake news: the crisis of knowledge and its relationship with psychoanalysis* [Master's dissertation]. Federal University of Minas Gerais.

This dissertation intends to investigate fake news appealing, in its construction, to a customized design, which aims to imply the own knowledge of the psychoanalytic field and its position in relation to the *truth* operator. To this end, the work was divided into four chapters: in the first one, the notion of *fake news* is defined; in the second, the effects of fake news on the *knowledge* class are attested, through the literature itself on the subject; in the third, the position of psychoanalysis in relation to the truth is discussed, laying the foundations of the proposal of apprehension of pseudo news; finally, in the fourth chapter, the progression of truth through its fictional structure is approached, articulating it to the register of the real, in view of the unreal that it bears. This path is guided by the provocative effect of fake news on psychoanalytic knowledge, which enables the construction of a conceptual reading of the truth, emphasizing the real dimension of this category.

Keywords: Fake news. Knowledge. Truth. Real. Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.* Discurso do universitário e discurso da histórica, respectivamente 54
- Figura 2.* Relação de produção entre os discursos do universitário e da histórica enquanto segmentos da atividade científica..... 55
- Figura 3.* Esquema da ascensão do gozo (a) em detrimento da primazia do Outro (A) 59

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1.</i> Aparições conceituais do termo verdade por seminário	59
<i>Gráfico 2.</i> Aparições conceituais do termo verdade por ciclo anual dos seminários proferidos por Lacan entre 1954 e 1980	59

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1.</i> Divisão temática dos capítulos da dissertação	31
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	19
A Psicanálise e a Querela das <i>Fake News</i>	19
A Pesquisa em Psicanálise	21
Gratuidade da Interpretação	23
A Atualidade do Sujeito da Ciência nas Fake News	25
<i>Afinidades Epistemológicas</i>	25
<i>Incompatibilidades Éticas</i>	27
Delineamento do Estudo	28
<i>A Elevação do Ruído</i>	29
<i>A Psicanálise e Seu Saber</i>	30
Resumo do Trabalho	31
1 O QUE SÃO AS FAKE NEWS?	32
1.1 Origem e Atualidade do Termo	32
1.2 Definição	33
<i>1.2.1 Mimetização das notícias</i>	33
<i>1.2.2 Características Estendidas</i>	37
2 A CIÊNCIA DAS FAKE NEWS	40
2.1 A Crise das <i>Fake News</i>	40
2.2 Premissas e Resultados da Revisão	41
<i>2.2.1 Tentativas de detecção</i>	42
<i>2.2.2 Fake news e o campo da saúde: previsões críticas</i>	46

2.2.3 <i>Cibersegurança</i>	49
2.2.4 <i>Artigos de opinião e editoriais</i>	51
2.3 <i>Da Enunciação ao Discurso</i>	53
3 QUID EST VERITAS?	56
3.1 <i>A Verdade na Psicanálise: os Lacanianos e Sua Época</i>	57
3.2 <i>A Ambiguidade da Verdade</i>	63
3.3 <i>Dois Sujeitos</i>	64
3.4 <i>O Percurso da Psicanálise Lacaniana enquanto Percurso da Verdade</i>	66
3.4.1 <i>Dois eixos da desqualificação e da limitação da verdade na psicanálise lacaniana</i>	67
3.4.2 <i>Manutenção da verdade no ensino de Lacan</i>	68
4 DERIVAS DA VERDADE E POLÍTICA DAS <i>FAKE NEWS</i>	77
4.1 <i>A Verdade para o Real</i>	77
4.2 <i>A Expansão da Ciência enquanto Terreno das <i>Fake News</i></i>	81
4.3 <i>O Retorno da Verdade nas <i>Fake News</i></i>	86
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

*Mike Cernovich*¹: I don't seem like a guy who reads Lacan, do I?
(Marantz, 2016)

No dia 4 de novembro de 2016, Edgar Meddinson Welch invadiu, armado, uma conhecida pizzaria do subúrbio de Washington, cometendo um disparo. Esse homem buscava resgatar crianças cativas de uma suposta rede de pedófilos encabeçada por Hillary Clinton, então candidata à presidência dos Estados Unidos, e John Podesta, seu chefe de campanha. Welch foi condenado a quatro anos de prisão, admitindo posteriormente, em entrevista ao New York Times, que as informações que o motivaram “não eram 100%” (Colliander, 2019).

Welch foi um dos adeptos do *Pizzagate*, teoria que acusava figuras centrais do Partido Democrata de comandar uma quadrilha de pedófilos satanistas (Cosentino, 2020). Essa teoria teve como germe uma notícia *fake* divulgada em 30 de outubro de 2016 por um alegado advogado de Nova York (Gillin, 2016; Lopez, 2016; Robb, 2017). Em um *post* no Twitter, ele anunciou: “Rumores circulam no Departamento de Polícia de Nova York de que os *e-mails* de Huma² apontam para uma rede de pedofilia e @HillaryClinton está no centro” (Goldberg, 2016). A partir disso, instaurou-se uma onda de suspeitas e acusações dirigidas a Clinton e seus colegas de partido, a qual culminou no ataque à pizzaria em Washington.

Depois desse atentado, a Public Policy Polling (PPP) entrevistou 1.224 pessoas que votaram nas eleições presidenciais americanas de 2016. A análise das entrevistas demonstrou que 28% delas ainda acreditavam ou tinham dúvidas de que Clinton estava envolvida em uma

¹ Michael “Mike” Cernovich é influenciador digital, supremacista branco, ativista dos direitos dos homens e teórico da conspiração.

² Os citados “*e-mails* de Huma” são mensagens de caráter oficial encontradas no computador do marido da ex-assessora de Hillary Clinton, Huma Abedin, em uma investigação paralela do Departamento Federal de Investigação (FBI) dos Estados Unidos. Ao apurar um caso de pedofilia envolvendo o marido de Huma, Antony Weiner, foram encontradas comunicações de caráter institucional que pertenciam à então assessora. Esses achados reabriram as investigações iniciadas em 2015 sobre o uso realizado por Clinton de um servidor particular para tratar de assuntos oficiais (Griffiths, 2017; Hayes & Slack, 2017).

rede de exploração infantil (Jensen, 2016). Também após o incidente, a YouGov, empresa britânica de análise de mercado e pesquisa de opinião, divulgou que apenas 29% de seus 1.376 entrevistados, que foram questionados justamente sobre o *Pizzagate*, responderam que essa teoria era definitivamente falsa (Frankovic, 2016; Savransky, 2016).

Em 28 de agosto de 2018, o então candidato à presidência do Brasil pelo Partido Social Liberal, Jair Messias Bolsonaro, participou da sabatina do Jornal Nacional, da TV Globo, trazendo em mãos o que ele chamava de *kit gay*, que, segundo ele, consistiu em uma cartilha idealizada pelo Ministério da Educação, encabeçado na época por seu principal concorrente nas eleições, Fernando Haddad, cuja finalidade era promover comportamento homossexual entre crianças, através da educação infantil (Kamel, 2018). Repreendido e contestado pelos apresentadores do jornalístico, Bolsonaro insistiu em seu pleito, replicando que sua legítima defesa da família era deliberadamente confundida com conduta homofóbica. O suposto *kit gay*, exibido por Bolsonaro no programa, tratava-se, na verdade, de um título educacional francês, *Le guide du zizi sexuel*, que ganhou, no Brasil, tradução da Companhia das Letras, sendo lançado como *Aparelho sexual e cia.* (Bruller, 2001/2007).

Uma pesquisa encomendada ao instituto IDEIA pela Avaaz (2018) investigou a recepção das principais *fake news* na campanha eleitoral brasileira de 2018, dentre elas, a do *kit gay*. Dos 1.491 entrevistados, 73,9% haviam sido expostos a essa farsa, sendo que 71,3% dos eleitores de Bolsonaro afirmaram acreditar nela. Quanto aos eleitores de Haddad, 10,6% disseram ter acolhido como verdade a acusação feita pelo adversário de seu candidato.

O *kit gay* e o *Pizzagate* foram dois notáveis casos de *fake news*, que, isoladamente, demonstram o imenso potencial de impacto desses conteúdos. Favorecido por episódios como esses, o tema das *fake news* tem atraído pesquisadores de diversas áreas, os quais produzem reflexões sobre nossos modelos de comunicação e educação (Grech, 2017; Ehrenfeld & Barton, 2019; Le Page, 2019) e sobre as tentativas de detecção automática das farsas (Kaliyar et al.,

2020; Ozbay & Alatas, 2020; Silva et al., 2020). Eles também apresentam possíveis intervenções para inibir a disseminação das pseudonotícias (Innes et al., 2019; Lu, 2019a; Harper et al., 2020). O volume de publicações produzidas sobre essa temática desde 2016, ano em que o termo *fake news* se notabilizou, não encontra precedentes em períodos anteriores, mesmo para fenômenos correlatos, como rumores e ondas conspiratórias.

Em um levantamento bibliográfico sobre o tema, Valero e Oliveira (2018) constataram o crescimento exponencial de trabalhos publicados em periódicos indexados pelas plataformas Web of Science e Scopus no período de 2005 a 2018. Na Web of Science, a quantidade de publicações passou de 16, até 2016, para 80, em 2018. Na Scopus, os números encontrados foram semelhantes. Em outra pesquisa, Bondielli e Marcelloni (2019) também atestaram um aumento considerável no contingente de publicações sobre as *fake news* na Scopus, passando de uma dezena de artigos, em 2016, para mais de 2.000, em 2018.

A disseminação e a ampliação da frequência desse tema também foram percebidas no grande público. O Collins Dictionary identificou um aumento de 365% no uso do termo *fake news* de 2016 em diante. Não é à toa que esse mesmo dicionário definiu *fake news* como a palavra do ano de 2017 (Flood, 2017).

Apesar de sua grande recorrência, o termo *fake news* não conta com uma definição clara e consensual sobre o conteúdo que designa, concorrendo com outras nomenclaturas que se propõem a balizar e batizar os acontecimentos atuais. Além de *fake news*, é comum a escolha por outras nomenclaturas, como *pós-verdade*, *desinformação* e *falsa informação*. Mais do que isso, a reprodução de múltiplas leituras sobre esse fenômeno, nem sempre conectadas entre si, parece indicar a tentativa de produção de uma conceitualização capaz de circunscrever o que ele é e para o que ele aponta, bem como de um discurso capaz de objetá-lo. Essa tentativa não encontrou ainda uma palavra de ordem ou de nomeação que possa organizar o enxame de significantes resultante de elaborações provocadas pela ocorrência das *fake news*. A análise

dessa indefinição e do embaraço ocasionado por ela no campo do saber não é possível sem uma ampla visada sobre as diversas produções desenvolvidas nesse campo. Esse efeito das *fake news* sobre os profissionais do saber é um convite para desdobrar seus aspectos mais fundamentais e perturbadores, sua relação com o não-saber e a desautorização que esses conteúdos promovem na classe do saber, seja esta composta por especialistas ou intelectuais.

Dizer que as *fake news* comportam o não-saber é o mesmo que dizer que elas conservam um ponto de opacidade, tanto para aqueles que nelas acreditam quanto para os especialistas, que se esforçam em esgotar aquilo que podem e devem saber sobre elas. Com efeito, essa função de enigma precisa ser cindida, pois, para o idealizador e o consumidor de uma notícia *fake*, esta compõe uma resposta possível ao enigma da existência: a castração. Já para aqueles que buscam decifrá-las, as *fake news* são enigmáticas à medida que figuram como objeto de invenções e adesões resistentes à compreensão e à explicação exaustiva.

Essas colocações introdutórias contrariam a caricatura de que as *fake news* são consagradas a pessoas ignorantes, incultas ou desprovidas de instrução. Pelo contrário, é possível reconhecer uma conduta astuciosa, sobretudo por parte de seus propagadores. À psicanálise interessa inicialmente o arranjo das dimensões fundamentais do campo das *fake news*, como as do saber, do Outro e da verdade.

O presente trabalho procede da seguinte provocação: *como as fake news podem ser tão virulentas, obtendo rapidamente uma expressiva e ruidosa adesão?* Tentamos respondê-la argumentando que esses conteúdos contêm *verdade* e encontram em nossa época ocasião oportuna para que sejam acolhidos. A verdade veiculada pelas *fake news* é distinta daquela apreendida pelo senso comum, enquanto adequação entre palavra e coisa. Ela é excluída das operações que a ciência propaga por meio de seu fazer e de sua ideologia. A ocasião para a disseminação das *fake news* é justamente a do retorno dessa verdade que elas veiculam, como reação à expansão da ideologia da ciência.

Abordar tal dinâmica, produto da tensão entre ciência e sujeito, implica interrogar a psicanálise sobre sua posição diante de dois projetos em franca confrontação: o da ideologia da ciência, que foraclui o sujeito, e o do mercado mundial da mentira, que agencia as subjetividades rejeitadas pelo discurso científico. Este trabalho opera com a hipótese de que uma resposta pensada dentro do discurso do analista não se integra a nenhum dos dois. Essa é uma posição que renova o gesto fundador da psicanálise: o da construção de uma disciplina que acolhe manifestações irredentas à racionalidade convencional através de vias dignas, reconhecidas pela mesma racionalidade, e de forma ética e metodologicamente orientada.

Assim, a pergunta que rege esta pesquisa retorna sobre a própria instituição que a orienta, isto é, a psicanálise, à medida que a interroga sobre seu lugar enquanto forma de resistência à ciência e sobre o estatuto que ela confere à verdade. Esse efeito é próprio da inquietação provocada pelas *fake news*, na qual o saber é constrangido por seu efeito de verdade, perturbando a vigência de um discurso — neste caso, o da psicanálise, mobilizado para a sustentação desta dissertação.

Há uma estranha proximidade entre psicanálise e ondas de *fake news*, enquanto regimes alternativos e de resistência à expansão discursiva da ciência³. Freud (1890/2016) comparece com um testemunho fundador, o qual podemos relacionar a esse incômodo parentesco:

A compreensível insatisfação com a ajuda médica muitas vezes insuficiente, talvez também a revolta contra a obsessão pelo pensamento científico, que reflete para o homem a implacabilidade da natureza, hoje e em todos os tempos, criaram de novo uma condição curiosa para o poder de cura para todas as pessoas e meios. (p. 29)

Mobilizada pela indicação freudiana, esta pesquisa toma a provocação das *fake news* sobre o campo da psicanálise como pretexto para aprofundar no tema da verdade, em sua acepção lacaniana, demonstrando como os diferentes estatutos que lhe são atribuídos viabilizam

³ A ciência, aqui, é entendida como o conjunto de uma diversa gama de instituições de saber influenciada pela atividade científica em sentido estrito. Referimo-nos, pois, às chamadas *ciências duras*.

a proposição de sua articulação com o registro do real. Tal leitura não é definitiva e não esgota o tema da verdade, embora exponha a dinâmica desse operador, estabelecendo-o como o índice do enigma fundador do *falasser*.

Uma vez discutido o estatuto da verdade na psicanálise e a relação dessa disciplina com tal operador, retomaremos as *fake news* e as exploraremos a partir de sua política e sua relação com a verdade, o saber e o real. O fenômeno das *fake news* é tomado como *agent provocateur* das ondas de desinformação e da ruptura com a aposta no saber de esgotar o real, aposta essa ilusoriamente mantida pela figura do agente do saber.

Para cumprir o que propomos, recorreremos à divisão desta dissertação em quatro capítulos. Os dois primeiros trazem a definição de *fake news* e o estado da arte sobre esse fenômeno, enquanto os últimos abordam o estatuto da verdade na psicanálise e a dinâmica do aparecimento das pseudonotícias mediante as condições que propiciaram o estado nascente da desinformação.

METODOLOGIA

A Psicanálise e a Querela das *Fake News*

Escrever sobre *fake news* nos leva a ingressar em um massivo e crescente grupo de autores que abordam esse objeto. Acrescento a isso a constatação pessoal da frequência com que, ao me apresentar como investigador desse tema, meus interlocutores foram tomados por um visível interesse sobre minha investigação. Isso não é de todo incomum, pois pude verificar em mim mesmo como as pesquisas de muitos colegas me geraram afetação, o que considerei como a constatação de quão instigantes e atuais são os trabalhos de meus pares.

Porém, uma tendência curiosa soma-se a meu caso, pois, em pouco tempo, pude perceber que esses inúmeros interlocutores, ainda que tivessem disposição para ouvir, frequentemente tinham algo a dizer sobre as *fake news*. Essas opiniões tinham algo de original em seu conteúdo, não se tratando de pareceres populares ou difundidos, e frequentemente comportavam alguma construção sobre o contexto em que vivemos.

Não vivenciei isso sem alguma irritação, pois sentia uma desqualificação dirigida a mim, enquanto pesquisador do tema, em uma variação do efeito Dunning-Kruger⁴. Em um segundo tempo, pude reconhecer em mim a afetação vivenciada por diferentes especialistas devido à incidência específica das *fake news* em seus campos. Diversos conteúdos impostores, dentre eles, as *fake news*, escandalizam pesquisadores de temas que, via de regra, são alvo dessas peças, de modo que o desconforto que experimentei é um similar atenuado daquele sentido por ambientalistas, diante do negacionismo climático, físicos, em relação ao terraplanismo, e especialistas em segurança pública, em meio à explosão de máximas infundadas que embasam o furor punitivista presenciado nas últimas décadas no Brasil.

⁴ O efeito Dunning-Kruger consiste na tendência de pessoas com pouca competência em determinada área apresentarem alta confiança em relação a suas crenças, contrastando com a própria confiança mantida por especialistas dos campos afins.

Contudo, ainda que tenha sentido, por um lapso de tempo, algo similar ao que os especialistas de diversas áreas acusam devido à desautorização veiculada pelas *fake news*, não posso dizer que o lugar do qual a psicanálise fala tenha sido atingido da mesma forma. Isso não significa que nós, psicanalistas, tenhamos sido poupados de fortes desqualificações, pois nossa clínica e nosso pensamento não são acolhidos por grupos prioritariamente associados à propagação de notícias *fake*. Esses grupos, aliás, dirigem à invenção de Freud uma aversão parecida com aquela manifesta pelos adeptos dos ideais de normalização científica, tomando de empréstimo alguns de seus argumentos (Carvalho, 2001; 2015).

Na crise das *fake news*, a psicanálise não figura como alvo principal ou responde dessa maneira, o que pode ser explicado por meio de duas hipóteses. A primeira delas é fruto da observação de que o campo psicanalítico não comunga do furor da produtividade presente em outros campos, além de ser refratário ao imediatismo que comanda a lógica de circulação do conhecimento. Nesse sentido, não foram produzidas, no hiato de 2016 a 2020, publicações e comunicações de psicanalistas que se desdobravam para apreender e solucionar a presente crise, como vimos em outros espaços. A segunda hipótese leva em conta que o campo psicanalítico é um alvo menor e menos propenso a responder às desautorizações promovidas pelas *fake news*, uma vez que não se obstina em se firmar como autoridade a partir do saber que produz.

Essas duas hipóteses são articuláveis, e a segunda delas, especialmente, pode constituir uma advertência em relação ao aprofundamento da pesquisa sobre *fake news* em outras disciplinas, pois, já que a psicanálise não figura como centro das provocações desse objeto, ela poderia se apartar dos impasses metodológicos e políticos trazidos pela abordagem do fenômeno. Tal consideração é absorvida, mas rejeitada. Primeiro, porque não há possibilidade de abordar as *fake news* sem recorrer à literatura externa, haja vista, como observam Lazer et al. (2018), que a abordagem delas é interdisciplinar. As discussões contidas nesse espaço de detecção, caracterologia e descrição do comportamento do fenômeno são fundamentais para

sua mínima delimitação. Em segundo lugar, porque dispensar essa imersão ou recorrer a uma consulta parcial sobre o tema encobre o efeito que as *fake news* exercem sobre seus próprios estudiosos. Reconhecer o efeito provocativo e os impasses gerados pelos estudos sobre o tema é ingressar na política das *fake news* e em sua dimensão de verdade.

A desautorização promovida pelas *fake news* produz consequências sobre as pesquisas realizadas sobre elas, na medida em que a tradicional posição do pesquisador, que ausculta um determinado grupo produtor de um fenômeno, é balançada por esse objeto de investigação.

A Pesquisa em Psicanálise

Na acepção da psicanálise inaugurada pelos trabalhos de Lacan, essa disciplina conta com uma forte associação de sua fundamentação teórica com seu horizonte de pesquisa. Tal associação pode ser verificada recorrendo à separação da psicanálise das humanidades e sua aproximação paradoxal das ciências exatas. Apesar de aparentemente compartilhar parte de seu campo de atuação com as chamadas ciências humanas, a psicanálise inscreve, em seu ato fundador, o projeto de deslocar as premissas da disciplina paradigmática da ciência, a física, para a abordagem de seu objeto (Freud, 1950[1895]/1995).

Esse ato de Freud, à primeira vista ingênuo e animado pelo cientificismo oitocentista, gerou consequências extensas para a abordagem da modernidade tardia, por meio da articulação, em parte antitética, entre ciência e subjetividade, sintetizada pela terminologia conceitual *sujeito da ciência*. O sujeito da ciência é um operador fundamental do campo psicanalítico, ao mesmo tempo que é identificado como produto do gesto cartesiano que funda a ciência moderna e a própria modernidade. Nesse sentido, ele enoda as vertentes da técnica psicanalítica, da ciência e da política, mantendo sua vinculação intrínseca às três dimensões fundamentais. A propósito, fazendo jus à ideia de enodamento, pode-se dizer que a negligência

de qualquer uma delas compromete a apreensão das demais, posto que estão articuladas pelo ponto nodal da subjetividade.

O sujeito figura como um elemento que se define por sua exclusão interna em relação ao campo científico (Vorsatz, 2015), comportando aspectos que resistem à formalização promovida pela teoria científica e, mais ainda, a subjetividade daquele que faz com que essa teoria se desenvolva. Fazendo-se insubmissa aos ideais de normalização da ciência, a psicanálise reabilita a dimensão do sujeito, interessando-se pela consideração do saber inconsciente e da verdade concernente ao real, que evadem e perturbam a tessitura da ordem social, composta pela articulação entre lei e ciência.

Conforme Guerra (2010), “a psicanálise está sempre diante de um impossível: como articular a clínica à ciência nesse caso?” (p. 138). Essa mesma pergunta incide neste trabalho, em vista da problemática de inscrever a investigação das *fake news* no campo da pesquisa psicanalítica, de modo a mobilizar seus operadores e manter as conclusões obtidas com suas ferramentas nos meios dignos, reconhecidos pelo campo do saber.

Podemos listar quatro grandes modalidades da pesquisa em psicanálise: o *método comportamental*; a *pesquisa teórica*; a *construção do caso clínico*; e a *escritura da psicanálise do passante* (Couto, 2010). A primeira consiste em um método de investigação experimental, que visa a comprovar proposições embasadas no saber psicanalítico. A segunda investiga a construção de conceitos do campo psicanalítico, com o propósito de aprimorá-los. As duas últimas, propriamente clínicas, abordam, respectivamente a investigação pertinente ao tratamento psicanalítico e a experiência narrada por um analisante no fim de seu percurso de análise. Nota-se que a pesquisa psicanalítica de fenômenos culturais, na qual se inclui a abordagem das *fake news*, não se encaixa comodamente em nenhum desses grandes grupos, ainda que possa, com toda justeza, ser qualificada como pesquisa teórica e comportar,

diferentemente da pesquisa sobre a teoria psicanalítica, a aplicação e a interrogação de conceitos da psicanálise na leitura crítica de fenômenos sociais e políticos.

Gratuidade da Interpretação

A problemática comportada pela pesquisa de fenômenos sociais encontra precedentes na discussão acerca da psicanálise aplicada, presente nas primeiras décadas do movimento psicanalítico. Nesse contexto, Freud convocou o movimento psicanalítico para promover aplicações da psicanálise para além de seu campo de origem, sublinhando os critérios de validação desse procedimento (Padovan & Darriba, 2016). Freud instou pela observância desses critérios visando a salvaguardar os estudos aplicados da gratuidade da interpretação e da suposição de profundidade do sujeito, o que ganhou destaque em suas controvérsias com Jung. É sobretudo na psicanálise aplicada às humanidades que Jung se obstinou em restabelecer um sujeito cuja profundidade é regida por signos arquetípicos, o que constituiu, segundo Lacan (1966/1998), um sujeito composto por uma relação com o saber, contrariando frontalmente a concepção de sujeito da ciência.

Décadas depois do início do movimento psicanalítico, Lacan (1958/1998) inverteu o lugar da psicanálise aplicada, alegando que esta, em sentido estrito, só faz jus a esse nome na experiência clínica, na qual é possível abordar um sujeito que fala e ouve. Para ele, a aplicação da doutrina, dos preceitos e das técnicas da psicanálise deve ser submetida propriamente à experiência clínica, em que o sujeito está amarrado em determinadas consistências, não sendo apenas suposto, e, por isso, pode responder a essa aplicação. Para as demais modalidades de pesquisa, resta o qualificativo *método psicanalítico*, este que consiste na “decifração dos significantes, sem considerar nenhuma forma de existência pressuposta do significado” (Lacan, 1958/1998, p. 758).

À vista disso, a pesquisa psicanalítica que tem como objeto as manifestações sociais e políticas se inclui no método psicanalítico e comporta, de forma crítica, o impasse relativo ao rigor, comum nesse tipo de estudo. Regnault (1989) aborda esse problema nos seguintes termos:

A psicanálise aplicada a obras de arte, literárias, plásticas, musicais, como também a acontecimentos históricos, e, cada vez mais, a fatos e gestos, às cidades e aos campos, aos animais e às pessoas, dá frequentemente essa impressão de gratuidade na interpretação, acompanhada por uma certeza da identificação. Instala-se diante da obra, e descobre-se um autor atrás dela, acima, abaixo, ao lado dela. Busca-se, busca-se, e acredita-se ter achado. (p. 125)

A título de exemplificação, Regnault (1989) recorre a uma variação do jogo surrealista do *cadáver agradável*, em que cada participante deposita um verbo, um substantivo e um adjetivo, os quais, posteriormente, são misturados e retirados aleatoriamente, formando, com poucas alterações linguísticas, uma espécie de texto a ser interpretado. Essa interpretação leva à produção de um sentido e de uma autoria. Nela, o sujeito, assim como o sentido que subjaz ao texto, é suposto. Vale dizer, no entanto, que, ao ser deduzido dessa sequência significante, não se verifica o “nó em que um sujeito geralmente se prende: um inconsciente, um corpo, uma linguagem, uma voz, ou ainda: a ordem simbólica não se amarra aí a nenhum imaginário, nem a nenhum real” (p. 126). Dessa forma, o sujeito, assim abordado, “pode ser lido, mas não fala e não ouve” (p. 125).

Essa problematização se volta ao interior da pesquisa psicanalítica, quando Regnault (1989) se pergunta sobre a produção de Freud e Lacan, pois é certo que ambos se dedicaram à análise de obras de arte e outras manifestações culturais. Sua pergunta de fundo é se esses dois expoentes da psicanálise incorreram no que ele chamou de gratuidade da interpretação. O exame de algumas obras, todas obras de arte, aponta para uma leitura específica de cada uma dessas produções, na medida em que elas se mostram pertinentes à estrutura, ao gozo, à neurose, entre outros operadores fundamentais da psicanálise. Não convém aqui expor as discussões sobre essas obras, mas destacar uma subversão, concernente a elas, na variante aplicada do método psicanalítico, pela qual “é a obra de arte que se aplica à psicanálise e não o inverso”

(Regnault, 1989, p. 132). Essa proposição, pensada de modo geral, implica que a abordagem de um objeto da cultura pela psicanálise não deriva de uma escolha gratuita e arbitrária, e sim do reconhecimento de que esse objeto se aplica aos operadores fundamentais do campo psicanalítico.

As *fake news* indiciam o real na crise que veiculam, posto que esse registro se torna apreensível diante do limite do saber. Em sua dupla veiculação, elas constituem uma resposta ao avanço da ciência, enquanto modalidade de tratamento do mal-estar sentido pelos sujeitos na contemporaneidade, e uma provocação, enquanto conteúdo cuja circulação, criação e adesão gera um enigma. Em ambas as vertentes, deparamo-nos com o sujeito da ciência, elemento excluído do próprio saber científico e instância que celebra a incidência do real.

As *fake news* comportam verdade, são disjuntas do campo do saber e promovem uma ruptura no laço com o Outro. Tais operações, quando consideradas no contexto em que acontecem, podem contribuir para a abordagem da subjetividade de nossa época em seus aspectos fundamentais. Nesse sentido, as *fake news* aplicam-se a uma versão da ciência tida como fundamental para a constituição da psicanálise. Lembremos que a psicanálise surge a partir de uma cisão com o campo da ciência, que institui as bases para o aparecimento de discursos e posições perante ao real parcialmente afins com seu campo. O tópico seguinte discutirá os termos dessa aproximação/distanciação nas vertentes epistemológica e ética.

A Atualidade do Sujeito da Ciência nas Fake News

Afinidades Epistemológicas

Cabe considerar as consequências do que Lacan chamou de “imissão da ciência no mundo” (Lacan, 1966/1998, p. 869), que pode ser interpretada como a expansão dos produtos e da discursividade da ciência como característica da sucessão temporal a partir da

modernidade. Esse processo apresenta múltiplas implicações, dentre as quais se destaca a dimensão da supressão do sujeito enquanto proposta ideológica introduzida no campo da física e acolhida em diferentes frentes institucionais e no modo de vida compartilhado.

Recorrendo a Alexandre Koyré e Martial Gueroult, Lacan (1966/1998) situa o surgimento da ciência no *cogito* de Descartes, o que indica que ela é tanto uma prática quanto um pensamento. A imissão da ciência no mundo comporta sua influência e a transformação cada vez mais ampla e intensa que ela provoca nas formas de laço social. Sendo indiferente nessa discussão metodológica a diversidade de modalidades por meio das quais a ciência se expande, encontramos como seu corolário a expansão da ideologia de supressão do sujeito. Essa tendência enfrenta reações na contemporaneidade, as quais são expressas pelo desenvolvimento mais atual da pesquisa contemporânea, em que a influência do pesquisador pode ser atestada no interior do método, por sua insistência, e na cena social, devido ao real através do qual o sujeito pode advir.

A contemporaneidade experimenta a expansão de discursos dirigidos pelo saber impessoal, obstinado a tudo dizer sobre a realidade, não importando sua causa ou a impossibilidade que comportam. Tal experiência reflete a expansão do discurso da ciência sobre o espírito do tempo, processo este que provoca e acirra reações que apontam para os limites desse discurso, dentre elas, as *fake news*. Estas interessam à pesquisa psicanalítica por veicularem fundamentalmente aquilo que “constitui o particular do sujeito, aquilo pelo qual o sujeito resiste à ciência” (Guerra, 2010, p. 139).

Atestar a intrusão dos efeitos das *fake news*, que comportam o não-saber veiculado pela subjetividade, é reconhecer a radicalidade da reação do sujeito ao processo de imissão da ciência no mundo. Os dois primeiros capítulos desta dissertação dedicam-se a expor como a figura do especialista, aquela do sujeito que fala e produz sustentado pelo saber de seu campo, se tornou alvo prioritário da política das *fake news*. Ao fazê-lo, esse movimento reativo atinge

um dos núcleos da ordem social e dos jogos de poder vigentes na contemporaneidade, comportando — ainda que seja um esboço do que possa futuramente advir — graves consequências potenciais na ordem política.

Assim, as *fake news* apresentam uma afinidade epistemológica com a psicanálise, na medida em que a versão da verdade e da ruptura com a cristalização do conhecimento que parcialmente as valida é solidária a essas mesmas premissas presentes na fundamentação teórica psicanalítica. Essa afinidade viabiliza sua abordagem por operadores fundamentais do campo da psicanálise, sendo que os fenômenos que envolvem as *fake news* atestam, a princípio, o poder da linguagem, a dinâmica do sujeito da ciência e a dimensão da realidade psíquica. Para reforçar o teor dessa afinidade, as pseudonotícias serão tomadas como recurso para reabilitar a dimensão de real da verdade no interior da teoria psicanalítica.

Incompatibilidades Éticas

A referida afinidade epistemológica, que permite a leitura psicanalítica das *fake news*, concorre com a dimensão ética presente no uso mais difundido desses conteúdos, enquanto peças que visam a enganar. Ainda que esse uso não possa ser reputado à essência das notícias *fake*, ele deve ser enfaticamente diferenciado de uma resistência à expansão da ciência, pois se trata de uma apropriação dessa tendência em uma destinação radicalmente rejeitada pelo campo psicanalítico em sua vertente ética.

Decerto, a ética da psicanálise não coincide com as aspirações da ciência, cujas defesa da verdade factual e oposição a suas versões concorrentes são acirradas pela crise das *fake news*. Nessa crise, essa ciência peculiar fica diante de um impasse, pois encontra infrações na veiculação predominante das *fake news*. Todavia, ela poderia também comportar uma contradição, seja por seus fundamentos, seja por sua própria ética, se participasse da cruzada ortopédica dos especialistas na tentativa de restaurar o estatuto de isenção da verdade factual.

À vista disso, a psicanálise se encontra em uma situação de impasse, enquanto as *fake news* revitalizam e permitem que sejam endossados os ideais de normalização dos campos do conhecimento, em função do ideal científico. Ao mesmo tempo, a apropriação política desses recursos notabiliza-se nos projetos que atentam contra as condições de sua sobrevivência. Dessa forma, as *fake news*, que diz respeito ao recurso que o racismo, a xenofobia, o obscurantismo e o fascismo, dentre outras tendências inauditas, tomaram como ponta de lança em seu novíssimo impulso, emergem como forma de uso da linguagem, marcando um novo capítulo de sua evidenciação enquanto instância independente.

O planejamento deste estudo localiza como fonte desse impasse ético uma omissão. O problema das *fake news* decorre da apropriação, quase exclusiva, de sua potencialidade por projetos obscuros e contrários às instituições democráticas, gerando, para elas, uma reputação de peste e de manifestação a ser suprimida. A dimensão comportada pelas *fake news*, hoje renunciada pelas vias dignas do saber, responde pelo poder transformador da ficção sobre a delimitação da realidade e do laço social. Tal aspecto será posteriormente reportado, nesta dissertação, à instância do irreal.

Delineamento do Estudo

Este estudo pretende transmitir o percurso de uma imersão sobre o campo das *fake news*. Tal percurso gerou uma leitura afetada ao provocar o próprio tratamento da verdade no interior da psicanálise, sendo possível localizar uma decepção na sucessão do pensamento psicanalítico em relação à figura desse operador.

Nesse seguimento, a escrita performou dois movimentos divergentes, nos quais os dois primeiros capítulos aproximam a psicanálise das *fake news*, por meio de sua vocação resistente à ciência, e os dois últimos se distanciam do tratamento dado à verdade no interior do campo psicanalítico.

A Elevação do Ruído

Optou-se, nesta pesquisa, por sistematizar a problemática das *fake news* por meio das reações geradas por sua ascensão no interior das classes de estudiosos, às quais se atribuem o lugar de saber e o título de ciência. Elegeu-se a plataforma Scopus para realização da pesquisa bibliográfica, considerando o período de explosão de publicações sobre o tema.

A plataforma Scopus é um acervo de publicações acadêmicas pertence à editora holandesa Elsevier, considerada uma das seis empresas editoriais que controlam a produção científica mundial (Larivière et al., 2015). Tal acervo contava, em 2019, com mais de 75 milhões de registros, 23 mil periódicos revisados por pares e 195 mil livros, incluindo trabalhos de pós-graduação e monografias (Elsevier, 2019). Essa plataforma é atualmente reconhecida como uma das maiores, mais amplas e confiáveis hospedeiras de artigos científicos do mundo (Pranckutė, 2021).

O acervo da Scopus foi escolhido por seu impacto e sua relevância na comunidade acadêmica, bem como por seu reconhecimento em diversas áreas, validação esta muitas vezes equiparada à designação de ciência. O ingresso nessa plataforma, bem como seus atravessamentos financeiros e sociopolíticos, expressa as virtudes e os vícios do que hoje se entende majoritariamente e é exercido como ciência. O cientista, para além de todos os expedientes que caracterizam sua prática, é assim designado na medida em que fala do lugar da ciência e profere uma comunicação científica, sendo a plataforma aqui escolhida um dos meios, por excelência, para fazê-lo.

Foram consultados artigos dos anos de 2016 a 2020, período este de explosão das publicações sobre o tema e de introdução da questão das *fake news* no debate público. A escolha desse período parte da apreensão de que essa questão, em sua acepção ampla, desautoriza e desafia diferentes representantes do saber especializado ao apresentar depoimentos e novidades

que confrontam diretamente o saber constituído e seus agentes, ao mesmo tempo que performa uma caricatura do discurso do próprio saber.

A investigação teve como saldo a identificação de ruídos manifestos por um grande volume de publicações, em que tentativas infrutíferas de deslocamento do discurso científico para a gestão de subjetividades e tentativas de aproximação sediam o choque entre a ciência e a versão da verdade presente nas *fake news*.

Assim, a presente pesquisa objetiva elevar as manifestações consideradas infrutíferas, relegadas ao campo da especulação e da investigação incipiente, à condição de elementos que permitem entrever a dinâmica, política e vocação das *fake news*.

A Psicanálise e Seu Saber

Diferentemente do campo científico, a psicanálise apresenta um percurso em relação à verdade, indo de sua valorização até a decepção com a figura extraída de sua dimensão de semblante. Esse percurso está presente nas obras de Freud e Lacan. Sua apresentação, no entanto, demandaria extensos espaço e trabalho, os quais não são comportados no interior dos limites de uma dissertação.

Diante dessa limitação, optou-se por abordar a verdade a partir do ponto de interesse para a temática das *fake news*: o da cristalização, em seu saber, de uma postura de decepção em relação a ela. Como será deslindado no devido momento, essa frustração em relação à verdade não lega maiores consequências para a construção da doutrina do passe e do fim de análise, ainda que as questões fundamentais no interior dessas construções — a da formação do analista e a do fim de análise — não estejam resolvidas. O mesmo não pode ser dito dessa posição frustrada em relação à verdade, quando o aporte teórico da psicanálise é mobilizado para abordar o fenômeno das *fake news*, no qual a verdade mostra-se relevante. Ocorre que, se a

verdade não é mobilizada para o alcance da clínica do real, isso não implica que essa seja a única postura, amarração ou forma possível de abordar o real.

Os propagadores de *fake news* oferecem uma invenção e, na esteira desta, conjugam para si outra: ser Outro do Outro para os consumidores desses conteúdos. Tão logo, essa alternativa é sobreposta por uma série de engodos, próprios da tênue fraternidade comunitária e das demandas de reconhecimento dos grupos emergentes de nossa era.

Resumo do Trabalho

A presente pesquisa volta-se às *fake news*, enquanto elemento da desinformação em estado nascente, em sua ruptura com a expansão da ciência, a qual, por meio da extensão de sua energética e de sua ideologia de supressão do sujeito, leva à atualização daquelas. O *Quadro 1* sistematiza o percurso deste trabalho.

1. O QUE SÃO <i>FAKE NEWS</i> ?	2. A CIÊNCIA DAS <i>FAKE NEWS</i>	3. <i>QUID EST</i> <i>VERITAS</i> ?	4. AS <i>FAKE NEWS</i> ENQUANTO PROGRESSÃO DA VERDADE
<ul style="list-style-type: none"> •Dificuldades na definição do termo •Origens das expressões constituintes •Definição proposta 	<ul style="list-style-type: none"> •Explosão da literatura sobre o tema enquanto sintoma •Segmentação da literatura •Irredutibilidade das notícias <i>fake</i> 	<ul style="list-style-type: none"> •Mediações para a abordagem do conceito de verdade •Estatuto da verdade nas discussões psicanalíticas •Ambiguidade da verdade no lacanismo 	<ul style="list-style-type: none"> •Verdade para o real •A expansão da ciência enquanto terreno para as <i>fake news</i> • <i>Fake news</i> enquanto progressão da verdade

Quadro 1. Divisão temática dos capítulos da dissertação.
Fonte: Elaborado pelo autor.

1 O QUE SÃO AS *FAKE NEWS*?

1.1 Origem e Atualidade do Termo

Os conteúdos atualmente designados pelo termo *fake news* têm uma história milenar e talvez tenham surgido juntamente com as próprias notícias. Exemplares remotos deles podem ser encontrados no contexto do Império Bizantino do sexto século (Burkhardt, 2017), no segundo triunvirato romano (Posetti & Matthews, 2018) ou mesmo no reinado de Ramsés II, 34 séculos atrás (Weir, 2009). Quanto à nomenclatura inglesa *fake news*, esta não é tão antiga quanto esses registros, embora também não seja tão recente como sua notabilidade. Suas primeiras aparições datam da década de 1890 (Merriam-Webster, 2018). Sua tardiedade talvez recaia sobre a palavra *fake*, cujo uso como adjetivo se difundiu somente no século XIX (Oxford University Press, 1993; Liberman, 2008). Antes do surgimento do termo *fake news*, existiam expressões mais gerais, como ainda podemos observar com *lie* [mentira], *rumor* [rumor], *falsehood* [falsidade] e *false statement* [declaração falsa], bem como com a designação aparentemente equivalente *false news* [notícia falsa] (Merriam-Webster, 2018).

News é uma palavra que existe desde o século XIV (Oxford University Press, 1993) e que, desde os anos 1500, pode ser combinada com o adjetivo *false*, que denota sua desqualificação (Merriam-Webster, 2018). A aparição da palavra *fake* como adjetivo, ao longo do século XIX, não suplantou o uso de *false news* e expressões afins, fazendo com que elas convivessem sem que um vocábulo específico fosse definido para as pseudonotícias nos dicionários, pelo menos até 2016 (Soukhanov, 1992; Merriam-Webster, 2006; Mayor, 2009).

A explosão do uso de *fake news* em 2016 fez com que esse termo fosse incluído nos dicionários e elevado à condição de palavra do ano por alguns deles (Bolton & Yaxley, 2017; Quandt et al., 2019). Contudo, sua saída da obscuridade acionou uma série de discussões sobre sua aplicação, seu estatuto e sua significação, como veremos a seguir.

1.2 Definição

Não há uma definição consensual para as *fake news* (Sindermann et al., 2020), ainda que as propostas de conceitualização desse fenômeno estejam em amplo crescimento e diversificação. Para complicar esse cenário, as definições circulantes não se valem da mesma terminologia, dificultando a transmissão completa do conceito desenvolvido por diferentes autores ao recorrer à paráfrase.

Apesar disso, as definições presentes na literatura apresentam características globais prevalentes, sendo elas a *mimetização das notícias*, a *construção deliberada* delas e sua *finalidade de enganar*. A primeira é uma característica referente à forma das *fake news*, enquanto as demais são características estendidas, referentes à conduta adotada pelos idealizadores desse conteúdo durante sua construção.

1.2.1 *Mimetização das notícias*

O primeiro aspecto das *fake news* que abordaremos é sua forma, que mimetiza uma notícia real, haja vista sua apresentação textual, sua produção gráfica e sua pretensa autoridade (Balmas, 2014; Mustafaraj & Metaxas, 2017; Potthast et al., 2017). Essa definição pode ser contrastada com outras, que tomam as *fake news* como o grupo maior das informações não qualificadas (Rubin et al., 2015; Grech, 2017; Zuckerman, 2017). Tal contraste é nítido ao cotejar as formas de conceber as *fake news*: enquanto aquela as trata estritamente como pseudonotícias, outras as apreendem de forma mais ampla, encarando a transmissão de informações com conteúdos distintos, como teorias da conspiração, *shitposting* e boatos, como o equivalente das notícias.

Essa concepção ampliada das *fake news* contraria a apreensão, bastante intuitiva e acessível, de que elas são uma “prima próxima” (Shu et al., 2017) dos conteúdos que participam

da crise inaugurada pela eleição americana de 2016 e pelo *Brexit*, conteúdos esses que apresentam uma identidade própria e são, portanto, distintos. Além disso, a própria noção de notícia, ainda que tomada em sentido amplo, enquanto *testemunho de eventos atuais*, é contrariada por essa categorização.

Do ponto de vista conceitual, agrupar as *fake news* com outros conteúdos domestica seu potencial incendiário, retirando a ênfase de questões legadas por uma captura estrita de sua forma. Por meio de sua própria terminologia e do parasitismo que exerce no desenvolvimento das mídias de comunicação, as *fake news* reacendem reflexões fundamentais, sobre a objetividade, a verdade e o saber, no interior da comunicação. Tais reflexões são autônomas e acabam por ser negligenciadas ou desorientadas quando abordadas por uma acepção expandida, que inclui outros conteúdos no mesmo grupo.

Essa distorção é mais contundente em outro tipo de classificação: aquela que incorpora as *fake news* à categoria maior da desinformação [*disinformation*]. Essa proposta não incorre na mesma imprecisão taxonômica de expandir tais conteúdos, mas promove uma verdadeira esterilização deles. *Disinformation* é definida como uma informação falsa, não condizente com a realidade, que é divulgada com a intenção de enganar e confundir um determinado público para promover objetivos pessoais, religiosos ou ideológicos (Fetzer, 2004).

Em setembro de 2017, o Conselho Europeu publicou um relatório intitulado *Information disorder: toward and interdisciplinary framework for research and policy making*, no qual a categoria *disinformation*, juntamente com as categorias *mal-information* [informação maliciosa] e *misinformation* [informação equivocada], aparece entre as desordens da informação. Essas três categorias são o resultado da combinação de duas qualidades atribuídas às notícias: falsidade e prejudicialidade. Nesse mesmo documento, os autores evitam usar o termo *fake news*, alegando que este é insuficiente para descrever o contexto de poluição da informação que vivenciamos e que ele foi apropriado por políticos para atacar a imprensa, cuja

atuação os desagrada, servindo assim de recurso para que figuras poderosas constriam a atuação do jornalismo livre (Wardle & Derakhshan, 2017).

Esse caminho também foi tomado por outros autores (Clinton, 2017; Sør, 2018), que optaram pela expressão igualmente genérica *false information* [informação falsa], promovendo um apagamento do termo *fake news* e da especificidade de sua problemática. O caderno de educação jornalística publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), *Journalism, “fake news” and disinformation*, recorre à mesma solução, reproduzindo, entre seus capítulos, uma discussão parecida com aquela presente no relatório do Conselho Europeu. Nesse documento, em que um risco é posto sobre o termo *fake news*, os editores defendem a evitação dessa palavra por ela constituir um oxímoro, considerando que *news*, por significar *informações verificáveis de interesse público*, não pode ser um substantivo utilizado para denominar informações que, de alguma forma, são fraudulentas (Ireton & Posseti, 2018).

Encontramos nas *information disorders* componentes lexicais e uma postura política semelhante àquela que prepondera na psicopatologia a partir da década de 1970 (Dunker & Kyrillos Neto, 2011). Essa posição é subjacente às diretrizes em saúde mental de uma abordagem que enfatiza a adaptação do indivíduo às exigências sociais e a restauração, tanto quanto possível, de suas condições de efetivá-la, o que fundamenta uma nova abordagem diagnóstica, na qual

Simultaneamente, os sintomas em nome dos quais os pacientes vêm se consultar parecem mudar de envelopes formais e se exprimem sempre mais em perturbações do comportamento, patologias do agir e instrumentalizações de si mesmo e dos outros. Estes sintomas são hoje agrupados na grande família dos “dis”, o império do “dis”, disléxicos, disortográficos, discalculicos, disfóricos, distímicos, disfuncionantes eréteis, em suma, os “disfuncionais” de todos os tipos. A psiquiatria se ocupava do diagnóstico e do cuidado dos indivíduos em sofrimento mental, a saúde mental se preocupa com os “disfuncionantes” cujo campo pode ser estendido até o infinito. (Gori, 2010, p. 115)

Considerando o ilimitado potencial de expansão dos transtornos “dis” supracitados, não seria surpreendente a proposição de uma síndrome que patologize a crença “disfuncional” em *fake news* e desinformação — e, de fato, estamos próximos disso. Essa iminente patologização é decorrente da eleição de ideais sociais normalizadores como direção genérica do tratamento, forçando as características dos pacientes contraproducentes, sobretudo aquelas inacessíveis à autogestão, incluídas em ramos de transtornos, à adaptação. Nesse arranjo, *falso* e *prejudicial* assumem contornos morais, sendo elevados à condição de patologia individual ou social.

Essa lógica é transposta para as cartilhas com desenvolvida articulação institucional, as quais propalam os males da desinformação. A aquisição de informações também pode ser integrada ao ponto de vista adaptativo, pois elas veiculam os dados cruciais para a convivência social, a ação orientada e a sobrevivência. Seus eixos são simples: as informações devem ser suficientemente benéficas e corretamente interpretadas por seus receptores, sendo dirigidas à esteira das afetações patológicas as interpretações crônica e relevantemente distorcidas, que podem provocar consequências maléficas a um indivíduo ou um grupo.

Tal normalização acaba por incluir o mal-entendido — aspecto fundamental da linguagem — nas variações anômalas da comunicação. Os desvios e tropeços aos quais se presta a compreensão durante qualquer interlocução, bem como a dimensão da interpretação em sua vertente singular, são aspectos produtores da experiência da linguagem e da comunicação. Sua redução a efeitos negativos de sentido encobre um campo resgatado justamente pela psicanálise em seu gesto fundador.

As categorias de desinformação e desordens da informação visam a obturar a dimensão do não-saber contida nas *fake news* e em outros conteúdos como mentiras, falsas revisões, fabulações e mitos, em favor de uma normalização da verdade que tem afinidade com a precisão de um dito relativo à realidade, ao objeto do dito e ao saber. A psicanálise é uma das figuras

das desordens da informação que, já no século XIX, extraiu da categoria patológica a singularidade comportada pelo sujeito, conferindo-lhe um novo estatuto.

Assim, este trabalho opta por uma acepção estrita das *fake news*, enquanto *conteúdo que mimetiza uma notícia*⁵. Nele, critica-se e descarta-se, enquanto operadores conceituais, as principais categorias gerais, pelas quais esse conteúdo é absorvido. Acrescenta-se, para a justificação dessa decisão conceitual, a priorização da dimensão singular das *fake news*, que acaba sendo obturada ou distorcida pelas categorias maiores.

1.2.2 Características Estendidas

A *construção deliberada* e a *finalidade de enganar* são características estendidas das *fake news*. Elas envolvem diretamente a conduta de seus idealizadores na criação do conteúdo das peças, legando consequências diretas para o entendimento de sua produção e seu compartilhamento. A discussão em torno dessas duas dimensões adquire contornos delicados nos meios em que a criminalização das *fake news* está em pauta.

A *construção deliberada* reforça o sentido do adjetivo *fake* sobre as notícias, pois uma pseudonotícia só pode ser construída quando seu autor sabe que o conteúdo por ele produzido não é uma notícia. Essa ideia, presente na literatura, não necessariamente equivale à compreensão de que as *fake news* são verificadas e intencionalmente falsas (Allcott & Gentzkow, 2017), pois o adjetivo *falso* pode se referir ao conteúdo das notícias, e não às notícias em si. Ainda que uma *fake news*, invariavelmente, comporte uma falsa informação, é necessário que a ela seja adicionado um aspecto de notícia em sua produção, o que só pode ser feito com a ciência, por parte de seu autor, do desenvolvimento de uma falsificação.

⁵ A palavra *news* será tomada, aqui, em sua acepção ampla, próxima do português *novidade*, e não em seu sentido restrito à atividade comunicativa dos órgãos da imprensa. Essa decisão baseia-se na percepção da descentralização da comunicação, evidenciada no contexto das *fake news*, e na objeção à artificialidade da restrição da produção de notícias à imprensa oficial. O jornalismo é entendido como setor da crise da informação, para o qual está em questão o estatuto e as condições de circulação do texto jornalístico, modo de difusão das notícias.

Além disso, a construção deliberada de um conteúdo falso não necessariamente configura intenção de enganar — distinção esta que, apesar de sutil, é relevante para o caso das *fake news*. Já na primeira década do século XXI, programas de comédia e *talk shows* como *Daily Show*, *Late Show* e *Saturday Night Live* emergiram como novas fontes de informação em um contexto de declínio da audiência dos informativos tradicionais das mídias televisivas (Baym, 2005). Esses novos programas, desde então, atrelam o entretenimento ao jornalismo, forçando à convivência a difusão de informações, as análises políticas e a promoção do pensamento crítico por meio de sátiras, imposturas e provocações de toda ordem.

Em 22 de março de 2005, o programa *Daily Show* realizou uma chamada no formato de correspondência jornalística, em que o repórter Rob Corddry apresentou ao público o *liberal media filter*, um dispositivo “capaz de remover 95% dos reais valores americanos contidos em todos os conteúdos de mídia” (Stewart, 2005). Nessa sátira, o presidente Bush foi evocado em uma declaração que deu sobre a existência de um filtro capaz de influenciar a audiência das notícias. Corddry, como se estivesse comunicando algo bombástico, exibiu um cartão de plástico colorido e transparente que removia os filtros criados pela mídia liberal, como aquele alegado pelo presidente. Nessa situação, os produtores do programa confrontaram a alegação de Bush, de desqualificação da posição crítica da imprensa em relação a seu governo, por meio da sátira, com uma pseudonotícia que evidencia seu caráter fantasioso. Tal exemplo revela como as *fake news* podem preservar sua característica de conteúdo falso sem comportar a intenção de enganar. Contudo, esse uso não impede que uma *fake news* seja disseminada como conteúdo enganoso, quando mobilizada por um depoimento que sugira sua veracidade. Uma notícia como a do *liberal media filter* poderia ser utilizada em um testemunho que trouxesse, por exemplo, que a própria mídia liberal admitiu, naquele momento, que é tendenciosa e mentirosa, o qual visaria a promover o descrédito de determinadas figuras. Esse tipo de

apropriação pode ser identificado não só no caso das *fake news*, como também em outros tipos de comunicação, incluindo fragmentos de notícias reais.

Essa plasticidade não contraria os aspectos anteriormente apontados como constituintes das *fake news*. Uma pseudonotícia que objetiva a sátira pode ser utilizada posteriormente para enganar o público, deixando de ter a finalidade de entreter, ainda que mantenha suas características de mimetização e construção deliberada. Esses aspectos, aliás, são reforçados por esse segundo uso, à medida que se sabe da falsidade do conteúdo, sustentando-o deliberadamente como depoimento verídico para promover o engano da audiência.

Assim, o presente trabalho define as *fake news* como *conteúdos que deliberadamente mimetizam as notícias, podendo ou não comportar a intenção de enganar*. Essa definição e as possibilidades de apreensão das *fake news*, apresentadas neste capítulo, serão retomadas em nossas discussões posteriores.

2 A CIÊNCIA DAS *FAKE NEWS*

2.1 A Crise das *Fake News*

A imediata notabilização das *fake news* como causa da eleição de Donald Trump e do resultado do referendo sobre a saída da Grã Bretanha da União Europeia mobilizou não só cientistas, como diversas classes de especialistas para a compreensão e o controle desse fenômeno. As alegações para o afã que sucedeu os eventos mencionados são, à primeira vista, evidentes e inatacáveis: é necessário proteger as instituições democráticas e a população dos efeitos deletérios das pseudonotícias. Desde então, elas vêm se mostrando um objeto peculiar no tratamento sistemático dos especialistas, resistente às tentativas de um exército de cientistas de controlar e neutralizar seus efeitos. Para além disso, a tentativa de submissão desse conteúdo como objeto do interesse orientado pela ciência diz muito sobre a natureza da própria ciência.

Este trabalho retifica que o *furor sanandi* demonstrado pelos estudiosos que se mobilizam na cruzada contra as *fake news* é sobrescrito pelo efeito de provocação que elas exercem sobre a classe científica. Esse efeito de provocação decorre do fato de que as pseudonotícias celebram a emergência do sujeito em terrenos onde a ideologia da ciência experimenta sua expansão. Assim, no cerne dessa tensão entre ciência e *fake news*, está uma condição fundante: a de que a ciência foraclui o sujeito.

As *fake news* comportam a verdade como sujeito, construção esta incompatível com o formalismo do método científico e sua ideologia que motiva a inevitável cruzada contra esse tipo de manifestação. O campo científico concebe a verdade como coincidência entre o dito e a pretensa realidade a que este se refere, estabelecendo a imediata predicação de falsidade a toda *fake news*. Esse modo de abordar esse objeto é conceitualmente impreciso, pois a não correspondência com a realidade é uma consequência de sua característica definidora: a mimetização das notícias. Enquanto verdade, as *fake news* são disjuntas do saber dos

especialistas, e a adesão a elas comporta radicalmente a dimensão do não-saber implicado em toda crença, pois, para crer, não se sabe. Ao tentar compreender ou intervir na curiosa adesão massiva às *fake news*, os especialistas tendem a reabsorver sua dinâmica no campo do saber — redução que encontra seu limite justamente no ponto de exclusão que estrutura a ciência.

Ao não reconhecer o impossível que compromete os esforços dos especialistas, as *fake news* contraem a feição de enigma, transvestindo-se como mensagem emergente do campo do Outro que deve ser desvendada com certa urgência, pois a instituição do saber e as entidades que a circundam — a democracia, o jornalismo e a opinião pública — podem sofrer modificações radicais em sua estrutura devido a seus efeitos. Assim, não é sem causa que os especialistas encaram as *fake news* como ameaça, pois a urgência delas faz jus à obstrução proferida pela Esfinge no mito de Édipo: “desvenda-me ou te devoro”.

2.2 Premissas e Resultados da Revisão

Para investigar a incidência das *fake news* sobre o campo do saber, recorreremos a uma ampla revisão do tema através da plataforma Scopus, utilizando como descritor o próprio termo *fake news* e estabelecendo como intervalo o período de 2016 a 2020⁶. Do total de documentos consultados, 2.102 (97%) consistiam em publicações, das quais foram descartadas produções repetidas, tabelas de conteúdo e seções de calendário, notícias, *feedback* e carta aos editores.

Do total efetivo de publicações, 516 (24%) abordavam o tema das *fake news*. As demais traziam menções ao termo no corpo do texto, valiam-se dele enquanto chamada de título, como em *Fake news? Biotin interference in thyroid immunoassays* (Koehler et al., 2018) e *REM sleep without atonia as prodromal marker of Lewy body disease: fake news or the real deal?*

⁶ A primeira consulta ocorreu em janeiro de 2019, precisamente no dia 26, tendo sido realizada outra em novembro de 2020, a qual foi voltada para o segmento de artigos classificados como do campo da saúde, em função dos efeitos da pandemia sobre os campos de interesse deste trabalho.

(Rodrigues et al., 2019), ou veiculavam provocações entre cientistas em temáticas disputadas. Desse último caso, temos como exemplares *Fake news* (Morton, 2018) e *Response to the editorial “Fake news” by Prof. Brian Morton* (Gerdol et al., 2019), chamadas relativas a uma controvérsia taxonômica em biologia marinha.

Nessa circulação, o termo *fake news* foi utilizado como saber oposto ao conhecimento científico ou contrário à realidade constatável, figurando como certo tipo de opróbrio, quando dirigido a pesquisadores. Quando suas menções supõem um público mais amplo, referem-se a pretensos conhecimentos que devem ser combatidos e esclarecidos como inválidos para o grande público. Seguindo essa abordagem nocionista, foram localizadas aparições do termo com o objetivo de aludir, de forma remissiva e com ampla diversidade, acontecimentos atuais.

O grupo de menções ao significante *fake news* não receberá, nesta dissertação, catalogação sistemática, pois o planejamento da revisão foi voltado para os trabalhos que abordam diretamente esse objeto. Contudo, a constatação preliminar desses artigos é suficiente para indicar que a circulação do significante enquanto desqualificação da palavra e do saber do Outro pode ser verificada também no interior da comunidade científica.

Ao todo, foram propostas 27 categorias que agrupavam artigos de determinado campo de estudo. A seguir, as seguintes categorias serão discutidas: *tentativas de detecção*; *saúde*; *cibersegurança*; e *artigos de opinião*. Essas são as categorias mais numerosas, que, juntas, somam cerca de 59% do volume total de trabalhos encontrados.

2.2.1 Tentativas de detecção

Destacam-se, em número, as produções em tecnologia da informação, majoritariamente voltadas para os mecanismos de detecção das *fake news*: 148 (35%)⁷. Esse resultado corrobora

⁷ As porcentagens que representam cada tipo de estudo agrupado na revisão são calculadas em relação ao total de artigos que abordaram diretamente as *fake news*, isto é, 516.

a suposição de que a problemática da detecção de falsas notícias, ainda que recente, tem obtido grande atenção (Ozbay & Alatas, 2020). A detecção das pseudonotícias não é uma disciplina, mas sua presença é predominante e central no campo da tecnologia da informação. Tal achado motiva a adoção do título utilizado no presente tópico.

A diversidade de métodos para a detecção das *fake news* faz jus à sua variedade. Tais recursos podem ser categorizados em três grandes grupos: *avaliação dos criadores e usuários*; *avaliação de conteúdo*; e *avaliação de contexto social* (Zhang & Ghorbani, 2020). O primeiro deles engloba os critérios de classificação de notícias voltados para a análise dos difusores e consumidores desse conteúdo. Esse grupo utiliza métodos de verificação de credibilidade dos difusores de notícias, geralmente em determinada rede social (AlRubaian et al., 2015; Sitaula et al., 2020), e de análise do comportamento de propagadores consumidores (Ghosh et al., 2011; Zhao et al., 2014).

A *avaliação de conteúdo* estuda os aspectos internos das notícias para a detecção de conteúdos maliciosos, dentre eles, pistas linguísticas, estilo e edições nas imagens que compõem alguns documentos (Guacho et al., 2018; Hosseinimotlagh & Papalexakis, 2018; Silva et al., 2020). A *avaliação de contexto social*, por seu turno, baseia-se na avaliação do comportamento de propagação, o que envolve a velocidade de difusão e a consequente interação entre usuários em um determinado ambiente, sendo este tipicamente virtual (Shu et al., 2019). Esse último grupo é mencionado com menor frequência em revisões, e poucos estudos utilizam essa metodologia para detectar ou prever o comportamento de notícias *fake* e outras “anomalias” da informação (Shu et al., 2019; Zhang & Ghorbani, 2020). Especula-se, aqui, que a menor atenção dada à *avaliação de contexto social* ocorre pelo fato de não haver, para esse caso, maiores promessas de resolução do problema. Essa metodologia pode descrever e antever o comportamento de propagação das *fake news*, e, caso consiga, isso se deve ao desempenho de disseminação das pseudonotícias. Assim, esse método pode detectar uma pseudonotícia

reconhecendo as potencialidades que dimensionam seu efeito nocivo, ainda que sem se relacionar diretamente com nenhum tipo de cruzada contra sua expansão. Já nos métodos de *avaliação de conteúdo* e *avaliação dos criadores e usuários*, a detecção se relaciona com um certo desvelamento e com a ativa descredibilização de autores e notícias emitidas. Curiosamente, como já sugerido, o método estritamente descritivo — a *avaliação de contexto social* — é o menos popular.

Outra grande divisão dos métodos de detecção ocorre entre os recursos automáticos e não-automáticos. Duas justificativas sustentam a preponderância e a popularidade dos métodos de detecção automatizados sobre os não-automatizados. A primeira indica a ineficiência de humanos em identificar conteúdos enganosos — a acurácia é menor que 50% (Bond & DePaulo, 2006) —, e a segunda, que os métodos automatizados podem apresentar uma velocidade de trabalho e uma escala que acompanha o ritmo de criação e difusão das *fake news* (Aphiwongsophon & Chongstitvatana, 2018).

As esperanças depositadas nos métodos automáticos crescem com a aplicação da aprendizagem de máquinas para o campo da detecção de *fake news* e outros conteúdos. De forma sintética, essa aplicação permite que um algoritmo atualize suas formas de detecção a partir da exposição a novos casos avaliados. Contudo, o campo da aprendizagem de máquinas é objeto de uma expectativa oposta, quando esta é considerada como uma tecnologia empregada no aprimoramento das pseudonotícias e no desenvolvimento das temidas *deep fakes*. As *deep fakes* são *fake news* em mídias audiovisuais. São construções que apresentam declarações falsas ou pseudogravações, que, com o auxílio da aprendizagem de máquinas, têm sua verossimilhança aprimorada. Estima-se que essa conjugação incapacite severamente os usuários de distinguir os conteúdos maliciosos dos genuínos (Stover, 2018).

O desenvolvimento do campo da detecção das *fake news* proporcionou a aparição de métodos mistos, que aliam técnicas pertencentes aos diferentes grupos mencionados (Atodiresei

et al., 2018; Bauskar et al., 2019) e ampliam o já numeroso conjunto de recursos possíveis. Confirmando a expectativa depositada nessas ferramentas, é possível constatar a existência de técnicas com eficácia superior a 90% na detecção de *fake news* (Aldwairi & Alwahedi, 2018; Alharthi et al., 2019; Kaliyar et al., 2020). Ao constatar esse sucesso experimental, desenvolvemos a seguinte pergunta: por que a detecção de *fake news* não foi amplamente aplicada nas redes sociais? Essa pergunta pode e deve ser respondida recorrendo a diversos fatores, de modo a reconhecer que tal implementação depende do alinhamento de diferentes variáveis.

O primeiro domínio desses motivos é o de ordem técnica, pois ainda existem diferenças significativas entre as coleções a que foram submetidos os algoritmos de detecção automática em teste e o espaço das redes sociais. As principais diferenças estão relacionadas à amplitude da diversidade e ao tamanho. O segundo domínio é o de ordem política, pois é necessário que as empresas que administram as redes sociais — principal nicho das *fake news* — assumam as consequências comerciais de uma política intensiva de combate às notícias *fake* no contato com seu público. Por último, temos o impasse mais relevante para a reflexão psicanalítica: a irreduzibilidade das pseudonotícias aos critérios de classificação que embasam sua detecção. Esse limite é tributário de uma imprecisão conceitual: a equiparação das notícias *fake* com informações não condizentes com o real. Em torno desse impasse, foram desenvolvidas uma série de formas de detecção alternativas, como a comparação de uma notícia a um banco de dados com reportes “verdadeiros”, a dedução através de pistas linguísticas capazes de denunciar determinada prática e a análise do comportamento das notícias.

Esse impasse também apresenta uma dimensão política, nem sempre considerada pelos métodos de detecção, que consiste no tipo de alcance da credibilidade com a qual os próprios métodos vão contar, independentemente de sua eficácia. Curiosamente, tal impasse faz com que se retorne ao problema inicial das *fake news*: a perda de credibilidade dos profissionais,

pois os métodos de detecção necessitam, para contar com aceitabilidade de sua aplicação, de reconhecimento, por parte do grande público, da condição de saber de seus idealizadores e implementadores.

Em última instância, a irreduzibilidade das *fake news* aos métodos de detecção pode ser explorada por meio do comprometimento de sua aceitação global, à medida que o público não aderente utiliza como justificativa inesgotável que cada pseudonotícia detectada corresponde a um caso de imprecisão do detector. De modo mais direto, grupos desgostosos com políticas restritivas para a circulação de determinadas peças podem se voltar contra os envolvidos nessa iniciativa, fazendo com que seja retomado o ponto inicial da crise que investigamos: o declínio da confiança depositada nas classes do saber. Tal situação indica que as *fake news* comportam uma dimensão não assimilável pelo tratamento que a ciência dedica, dimensão esta que pode ser aqui traduzida como o não-saber do cientista.

2.2.2 Fake news e o campo da saúde: previsões críticas

Mais de 10% das publicações que abordam as *fake news* são dos campos da saúde pública e da medicina. Nelas, são explorados os efeitos potenciais desse conteúdo enganoso sobre o tráfego de informações de temas em saúde na população. 13 dos 20 artigos em saúde pública que compõem este tópico abordam o tema da vacinação, estimando os fundamentos e os efeitos das *fake news* na adesão a campanhas de imunização, bem como os recursos possíveis para neutralizar a influência desses conteúdos.

McCoy et al. (2019) estudam as percepções sobre a vacinação em uma comunidade cristã de educação domiciliar dos Estados Unidos. Fischer (2019) assinala a importância da vacinação universal e os resultados preliminares de sua obrigatoriedade na França em menores de dois anos. Já Dutilleul et al. (2019) analisam as condições para a melhoria da aceitação das

vacinas no território francês. No contexto brasileiro, Silveira et al. (2020) estudam a hesitação em relação às vacinas e sua variação entre quatro coortes diferentes.

Esses trabalhos demonstram haver, nesse campo, um já desenvolvido interesse pelos rincões em que movimentos como o *anti-vaxxer* tendem a prosperar e, de forma geral, pelo tratamento das resistências ao discurso da ciência. De fato, as campanhas de imunização apresentam um histórico de eventos que comporta as tensões entre tais resistências e as autoridades de saúde. Nesse sentido, é interessante o trabalho de Gesualdo et al. (2018), intitulado *To talk better about vaccines, we should talk less about vaccines*, em que os autores sugerem que a ampliação da adesão à vacinação depende da consideração de técnicas de comunicação, do próprio *marketing* das campanhas, como ocorre com a maioria dos produtos. Para tanto, esses autores propõem que a divulgação dessas campanhas não seja limitada à figura do cientista, preconizando a participação de profissionais versados em técnicas de comunicação. Ao fazer essa proposta, Gesualdo et al. (2018) colocam em relevo uma tendência geral, presente no campo da imunização coletiva, de ceder no discurso de autoridade científica para a lógica de circulação de produto. Isso indica que a circulação da vacina costuma se apoiar no saber dos especialistas e, portanto, se aproxima do discurso universitário, em que o lugar do agente é ocupado pelo saber e o lugar do outro — neste caso, o lugar público —, por um objeto ao qual esse saber é aplicado. Essa modalidade de laço social funda-se em uma impossibilidade: a de educar, que é exatamente a visada nesses esforços. No lugar da produção do discurso universitário, aparece o sujeito, podendo este ser lido como o sintoma ou o mal-estar devido aos quais manifestações contestatórias desse discurso podem advir.

As preocupações observadas no campo da imunização demonstram uma desenvolvida percepção do não funcionamento de uma modalidade de laço, regida pelo discurso universitário, entre a instituição científica e as populações. Os autores inseridos nessa problemática

reconhecem a inadequabilidade da preponderância de discursos como esse na relação com as massas, propondo sua diversificação (Gesualdo et al., 2018).

Já as publicações do campo médico em sentido estrito comportam reações menos desenvolvidas sobre as *fake news*, entendendo-as, de maneira geral, como ameaças e buscando reconhecer a influência delas em circunstâncias clínicas específicas. Sabiote et al. (2019) discutem os riscos das redes sociais, dentre eles, as *fake news*, ponderando, no entanto, sobre a dimensão potencialmente útil desses espaços para o campo da saúde. Attai et al. (2017) abordam o uso em expansão do Twitter por hematologistas e oncologistas, abordando as *fake news* como um tipo de uso escuso, visando à produção do engano com finalidade comerciais. Já Shapiro et al. (2017) abordam a influência do que chamam de informações falsas ou enganosas sobre a doença de Lyme, as quais levam a uma compreensão imprecisa por parte do público, dificultando as campanhas de tratamento dessa condição clínica.

O conjunto desses trabalhos, que resulta da busca feita em janeiro de 2019, antecipam, em diferentes graus, a crise de notícias *fake* vivenciada posteriormente, no interior da pandemia de COVID-19. Em maio de 2020, profissionais de diversos países assinaram um manifesto intitulado *Profissionais de saúde denunciam a infodemia nas redes sociais* (Avaaz, 2020), pelo qual denunciaram a contribuição da desinformação no agravamento da pandemia de COVID-19 e demandaram a atuação das instituições responsáveis, particulares e privadas, para corrigir os erros nas informações de saúde.

Essa crise evidencia as consequências de uma política mal direcionada e insuficiente na abordagem das *fake news*. O imediatismo de suas consequências pressiona os agentes envolvidos a um posicionamento, o qual, no entanto, é rapidamente retificado pela realidade. Apontar finalidades escusas para a criação e disseminação desses conteúdos é insuficiente, sendo a validade desse tipo de explicação parcial e pontual. Dispensando verter a uma análise totalizante, esta dissertação aponta para a dimensão discursiva das *fake news* que, evocando os

operadores fundamentais da psicanálise, vai além da análise das mentalidades. O campo da saúde demonstra que nos encontramos em um impasse entre o discurso universitário, pelo qual se propaga socialmente a ideologia da ciência, e a expansão de outras formas de laço social, incluindo seu curto-circuito, que celebra o aprofundamento da ordem capitalista.

2.2.3 Cibersegurança

37 trabalhos tratam diretamente do tema da cibersegurança, englobando projetos (Spreadborough, 2017; Feld, 2020), desenvolvimento de recursos técnicos (Desouza et al., 2020; Guerrero, 2020) e discussões sobre as consequências potenciais de uma legislação para punir e inibir os responsáveis pela circulação das *fake news* (Van der Walt, 2017; Mansfield-Devine, 2018). Tais abordagens apontam para a exequibilidade técnica de uma legislação para esses conteúdos, sublinhando as diferentes propostas pelas quais o domínio digital pode ser utilizado e as consequências políticas da introdução de maior vigilância e da ampliação de mecanismos de coerção na *internet*.

A crise das *fake news* intensificou a percepção de que o campo digital testemunha a fragilidade do sistema democrático, produzindo nos pesquisadores um senso de urgência diante de novos ataques que as instituições podem sofrer através desse meio. Esse senso de urgência está presente em outros tipos de publicação sobre o tema e, frequentemente, aparece como motivador geral desses trabalhos. Contudo, o campo da cibersegurança comporta, de forma mais manifesta, o domínio da lei e a relação das *fake news* com as instituições. Os trabalhos encontrados nos ajudam a entender que as instituições encaram esse conteúdo como ameaça externa. A solução proposta por uma parte desses estudos é a de que o campo onde essas ameaças externas se proliferam seja regulamentado, vigiado e, de alguma forma, controlado. Por sua articulação com os recursos digitais, frequentemente os dispositivos de controle respondem por algoritmos ou métodos automáticos que identificam ações fraudulentas. Isso

indica que, no comando desses dispositivos de controle, está um conjunto de regras impessoais: um saber promovido à condição de agente de controle.

Esse modo de encarar a questão estritamente do ponto de vista da segurança parece não se interessar pelos potenciais desvios desses dispositivos, que terão ampla influência na circulação da informação quando estiverem à disposição de projetos políticos escusos, finalidades particulares e situações indesejáveis de controle social. A consideração dessa possibilidade é abordada por outro grupo de pesquisadores, que destaca o potencial iatrogênico das soluções para as *fake news*, as quais promovem, direta ou indiretamente, o acirramento do controle social. Por esse modo de encarar a questão, o Outro da lei, capaz de erradicar as *fake news*, é tão ameaçador quanto as consequências destrutivas delas.

A jornalista científica Donna Lu (2019b) expõe, no artigo *Don't ban fake news*, como uma situação jurídica, que se dedica a erradicar as pseudonotícias, pode limitar a extensão das liberdades democráticas, intimidar a ação da livre imprensa e empoderar a repressão estatal. É evidente, como mostra exaustivamente Valente (2019), que as abordagens regulatórias se distinguem quanto aos métodos de intervenção, tendo objetos, destinatário e responsabilidades estatais diferentes. Todavia, interessa a esta pesquisa como as *fake news* colocam os sujeitos pesquisadores em um impasse entre o campo do Outro, encarnado pela lei, e a ação corrosiva desse conteúdo nas instituições. Nesse impasse, não há neutralidade possível, pois, seja consentindo com a ação corrosiva desse provocador sobre os semblantes das instituições sociais, seja contribuindo para a vitalidade do Outro da lei, é requerido aos sujeitos pesquisadores que encontrem um espaço entre essas duas dimensões. Nesse limiar, consentir sem reservas com a atuação das *fake news* é consentir com a posição do canalha, impostura pela qual se pretende ser Outro em concorrência com o Outro social, contra o qual, nesse caso, se atenta por meio das *fake news*. Por outro lado, defender o empoderamento ilimitado do Outro sem reservas configura uma posição débil, alienada à codificação pretensamente impessoal dos

algoritmos e do campo da lei, sem apreender o sentido que pode contrair o exercício de determinada legislação e a que ou quem ela pode servir. Novamente, encontramos a instância do sujeito no centro dos impasses suscitados pelas *fake news* — dessa vez, na reivindicação de um posicionamento que instancia a dimensão subjetiva do sujeito pesquisador entre provocador e Outro da lei.

2.2.4 Artigos de opinião e editoriais

66 das publicações avaliadas (12%) são artigos de opinião ou editoriais que tratam especificamente das *fake news*. Esse grupo de publicações contempla a maior variedade de posições em relação a esse conteúdo, abrangendo a dimensão da luta entre a ciência e as pseudonotícias e reflexões mais amplas, como a consideração da posição das instituições científicas nesse cenário de desinformação.

Em primeiro lugar, chama a atenção o fato de que uma fatia expressiva das publicações que tratam das *fake news* é preenchida por editoriais e artigos opinativos. Em tais publicações, é possível identificar a manifestação de um senso de urgência em relação à ameaça que esses conteúdos reservam para as instituições democráticas e, especialmente, para a instituição da ciência (Mann, 2018; Ramirez et al., 2019). Por outro lado, foram encontradas posições críticas em relação a essa mobilização (Mansfield-Devine, 2017; Le Page, 2019).

Lee (2017), no editorial da revista *International Emergency Nursing*, defende a importância dos fatos no contexto das *fake news*, indicando como o desconhecimento deles permite o desenvolvimento de estereótipos, visões errôneas e má orientação da assistência médica. Nessa mesma linha, Peh (2018) vai mais além, defendendo que os ambientalistas dispensem mitos e *fake news* favoráveis à luta ambiental, baseando-se na premissa de que políticas duradouras se alicerçam em informações verdadeiras.

Forest (2018) apresenta uma leitura crítica da crise provocada pelas *fake news*, assinalando que esse tipo de manifestação é encontrado em todas as graduações dentro da ciência e que a manutenção dessas ocorrências é favorecida por sua lógica de produção interna. Redekop (2018), no editorial da revista *Health Policy and Technology*, considera as *fake news* como decorrentes de um problema de governança nas tecnologias que compõem o *big data* e insiste no potencial que as novas tecnologias demonstram para a solução de problemas atuais.

Nessas manifestações, como é próprio ao gênero de artigos opinativos e editoriais, os autores exprimem suas opiniões, inquietações e incômodos, colocando-se de uma forma radicalmente diferente da exigida em publicações técnicas. Mesmo que ocorram, em vários casos, a retificação de uma posição e de um modo de se manifestar próprio da atividade normal da ciência, aqui se trata de um espaço nas publicações científicas em que não se exige regras e que foi massivamente visitado por profissionais de diversas áreas.

As conclusões anteriores deste capítulo sugerem pensar o recurso a tantas manifestações opinativas, que podem ser lidas como situações onde parte da normatividade do texto científico é suspensa, para além do sentimento de urgência que esses autores admitem frequentemente em suas comunicações. A aparição das *fake news* favorece esse tipo de manifestação, pois evoca o ponto de impasse da própria atividade científica: o sujeito da ciência, que tem condições de emergir na medida em que os pesquisadores podem falar, com relativa liberdade e mantendo sua posição de estudiosos de determinada área, provocados pelos efeitos das notícias *fake*.

Nessas manifestações mais livres, nas quais o sujeito e as enunciações podem aparecer, entram em questão estratégias para combater as *fake news*, o que faz com que estas sejam novamente encaradas como ameaças cuja presença deve ser combatida. Formalmente esse posicionamento é atribuído ao fato de as notícias *fake* serem reconhecidas apenas em suas versões danosas. Contudo, a estrutura que pressupõe a atividade científica permite acrescentar

a essa hipótese que as *fake news*, por comportarem manifestações linguísticas distintas das propaladas pela ciência, motivam a defesa de um combate irrestrito por seus especialistas.

2.3 Da Enunciação ao Discurso

Este capítulo objetivou partir de uma ampla revisão bibliográfica para isolar o impacto das *fake news* sobre a classe do saber e, a partir desse efeito, conduzir a investigação sobre a relação desses conteúdos com o sujeito contemporâneo e as instâncias que lhe subjazem. Antes de fechá-lo, convém aduzir, sinteticamente, os resultados dessa investigação, por meio dos instrumentos conceituais pertinentes à investigação psicanalítica.

A adoção das *fake news* enquanto objeto da investigação de autores de diversos campos do saber, em que pesem as discernidas diferenças de postura e grupos de cientistas em relação a seu próprio campo, esbarra em impasses que comprometem sua redução em caracteres matemáticos, linguísticos ou instrumentais, estabelecendo sua emergência como enigma irreduzível aos mais variados expedientes. Como saldo dessa incursão, são considerados seus ruídos: a explosão de propostas e explicações, em número e variedade, para esse fenômeno e a impossibilidade de reduzi-lo ao manejo e consideração científica. Nesse movimento dos agentes do saber provocados pela emergência das *fake news*, é possível entrever a transição entre duas modalidades discursivas.

No horizonte das iniciativas para estudar as *fake news* e reduzi-las a objeto de estudo, encontra-se o esclarecimento sobre sua natureza e a transmissão de táticas para que a população leiga se proteja de seu apelo, tarefa esta que esbarra em um impossível: o impossível de educar. Essa impossibilidade corresponde ao que é recoberto pela articulação significativa que estabelece o discurso do universitário (*Figura 1*).

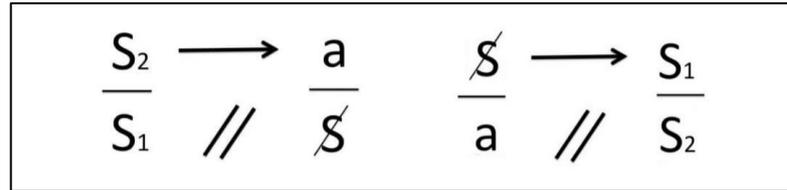


Figura 1. Discurso do universitário e discurso da histórica, respectivamente.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de Lacan (1969–1970/1992).

Contudo, ante a essa expectativa, pela qual é designada a função dos pesquisadores enquanto agentes de saber voltados para um objeto de estudo e instrução, algo não funciona. A despeito da tentativa de manter a verticalidade do especialista em relação a seu objeto de estudo e ensino, as *fake news* o destituem da investidura do saber, desestabilizando sua consistência e sua posição. Nesse cenário, toma o lugar da dominante do discurso o sintoma produtor de enunciações, cujo suporte é o sujeito da ciência (*Figura 1*)

A convocação de pesquisadores ao exercício do agenciamento pelo saber se converte na confrontação com uma aporia: a tentativa de absorção, pela ordem da ciência, de uma nova forma de poder e circulação da palavra. Contudo, a transição entre os discursos do universitário e da histórica acarreta duas progressões, expressas pelo giro no sentido horário, ou duas regressões, pelo giro no sentido anti-horário (Castro, 2009).

Na ocasião da discussão dos impactos das *fake news* sobre a classe do saber e de seus expedientes, bem como em eventos mais amplos que abordaremos nesta dissertação, a sucessão das transformações no nível do discurso será posta em consideração mediante circuitos que conduzem relações de discursos diferentes e simultâneas, ligadas pelos termos da produção e da dominante.

3 QUID EST VERITAS?⁸

Tornou, pois, a entrar Pilatos na audiência, chamou a Jesus e disse-lhe: Tu és o Rei dos Judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de mim? Pilatos respondeu: Porventura sou eu judeu? A tua nação e os princípios dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste? Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui. Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. Disse-lhe Pilatos: *Que é a verdade?* E, dizendo isso, tornou a ir ter com os judeus e disse-lhes: Não acho nele crime algum. (*A Bíblia Sagrada*, 2015, p. 696, João 18:33–38, ênfase acrescentada)

Os capítulos anteriores, cujo fechamento situam o “meio-do-caminho” desta pesquisa, objetivaram situar o estado da arte sobre as *fake news*. O saldo deixado por eles é a possibilidade de entrever, do ruído presente nas produções de diferentes representantes de disciplinas distintas, o embaraço, as tentativas de aproximação e a dificuldade irreduzível de acolher, a partir da posição de saber, uma versão da verdade disjunta da precisão. Mantendo à vista o efeito provocativo das *fake news*, este capítulo parte da contraposição entre a teoria psicanalítica e o efeito desses conteúdos de linguagem sobre a cena política, para localizar uma postura decepcionada em psicanálise em relação à verdade. Como hipótese de entrada, é levantada a possibilidade de haver, nessa decepção, um encontro entre a psicanálise e a apropriação conservadora que se faz das *fake news*⁹.

A surpreendente ascensão da nova direita contou com a transformação obscena de sua posição em relação à verdade, sobretudo porque, nos quadros da história do pensamento, seus atores estão tradicionalmente vinculados à doutrina da objetividade e da verdade condizente com as coisas que designa, dotada de valoração. Dessa forma, foi invertido o escândalo ocorrido

⁸ *Quid est veritas?* é uma expressão presente no décimo oitavo capítulo do Evangelho segundo João, no qual Pôncio Pilatos interroga Jesus sobre seu envolvimento nos crimes pelos quais era acusado pelos sacerdotes de Jerusalém. Diante das interrogações do governante, Jesus não se defende e alega ter sido enviado para testemunhar a verdade e ser reconhecido por sua voz. Pilatos então questiona o que seria a verdade, para a qual Jesus não dá resposta. Após essa avaliação, Pilatos transmite aos sacerdotes que não vê crime em Jesus.

⁹ Faz-se necessário observar que o capítulo da desinformação não pode ser inteiramente reputado às lendas ou movimentos políticos reacionários e conservadores. A complexa dinâmica que celebrou sua emergência envolve-se com ambos os matizes da cena política e pressupõe sua polarização bilateral.

nas décadas anteriores, da ascensão da contracultura nos anos de 1960 e 1970, de modo que, após esse período, as alas progressistas se depararam com a mesma mensagem que transmitiram, porém, de forma invertida. Tal encontro consiste na ocasião daquela decepção que, como se pretende defender aqui, foi atravessada pelas alas conservadoras, permanecendo ainda cristalizada no campo psicanalítico, cenário que torna necessária a reabilitação do potencial da verdade para o aprofundamento do fenômeno das *fake news*.

3.1 A Verdade na Psicanálise: os Lacanianos e Sua Época

Na ocasião da morte de Lacan, seu irmão, Marc-François Lacan, lhe dedicou um sermão na igreja de *Saint Pierre du Gross Caillou*, o qual intitulou *Lacan e a busca da verdade*. Ele se referiu ao finado por meio de seu próprio léxico, pintando-o como um homem em busca da verdade. Esse discurso pode parecer, à primeira vista, uma forma desajeitada de homenagem, impressão esta causada pela forma como foram empregados os termos *homem* e *inconsciente* e pela apreensão do termo *verdade*, central no ensino de Lacan.

Na introdução de seu discurso, Marc-François transmite a seguinte indicação: Jacques Lacan falou. Por quê? Para descobrir isso, devemos ouvir aqueles que, desde a sua morte, falam menos dele do que de sua própria posição em relação a ele? Este não é o caminho certo. O que é necessário é lembrar quem ele era. Ele era um homem, este homem buscou a verdade. O caminho que ele abriu para buscá-la foi a palavra. (Sédat, 1995, p. 41)

Essa primeira manifestação do discurso de Marc-François abrange um entendimento diferente sobre o estatuto da verdade, diferenciando-se das leituras acadêmicas em dois aspectos: na forma pela qual se entende que Lacan é lido por alguns autores e na centralidade da *busca da verdade* em seu percurso. O primeiro aspecto responde pela via de acesso aberta por Marc-François em seu sermão às discussões sobre o ensino lacaniano: uma asseveração que instrui a tomar em maior conta os pareceres daqueles que falam do próprio Lacan, em vez dos que falam da relação com ele. Tal indicação pode ser expandida para os interesses da

investigação sobre a verdade em psicanálise, na medida em que a verdade não é isolável da produção significativa que a gerou ou reprodutível por um dizer que lhe sobreescreve. O segundo aspecto que diferencia a leitura de Marc-François é uma resposta a essa pergunta, pois qualifica a trajetória de Lacan como uma busca pela verdade. Tal proposta contraria a leitura que muitos comentaristas têm feito, conferindo um estatuto menor e limites maiores para o alcance da verdade no campo psicanalítico e em seu sistema.

Autores como Jacques-Alain Miller consolidaram o entendimento do percurso de Lacan, conferindo outro estatuto para a verdade. Para Miller (2014), a verdade é o sentido da interpretação na análise do inconsciente, que é uma instância diferente daquela que está implicada no *fallasser*, em que o lugar do sentido é figurado pelo gozo. Ele estabelece, junto a Laurent, uma convergência entre as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas e o desenvolvimento teórico da psicanálise, de modo a colocar em consideração a hipótese de que estamos vivendo uma *era lacaniana*, caracterizada pela inexistência do Outro e pela primazia do real (Miller & Laurent, 1996–1997/2005).

Podemos tratar a manifestação de Marc-François no sermão que dedicou ao irmão não como uma apreensão incompleta da teoria lacaniana, mas como uma leitura que prioriza a dimensão da verdade, posição esta certamente influenciada por sua formação eclesiástica. É de Marc-François o livro *La vérité ne s'épuise pas*¹⁰, publicado em 2010, que reúne textos a respeito de seu ofício beneditino de fé, chamando atenção a fórmula pela qual intitula o segundo título de sua *Exégèse et théologie*. Essa fórmula possibilita vislumbrar que a insistência da verdade é o corolário da insistência do dito, de modo que a verdade insiste apesar de sua relativa desvalorização e de uma limitação indicada pelos autores supracitados: insiste como uma dimensão furtiva e vigorosa no interior de suas próprias discussões.

¹⁰ *A verdade nunca se esgota*, em tradução literal.

Miller e Laurent (1996–1997/2005) explicam em que consiste a chamada era lacaniana, caracterizada pela pluralização do nome do pai. Eles lembram que as sociedades vivenciaram a diluição da crença no nome do pai, produzindo uma apreensão cujo cerne é a ideia de que nada ultrapassa o semblante. Nesse seguimento, ocorreu uma desmaterialização vertiginosa que acrescentou a angústia à questão do sentido do real.

Por isso, o nosso tempo vê inscrita no seu horizonte (melhor o horizonte do que a parede) a frase de que só existe o semblante. Com efeito, a antiguidade está presa no movimento cada vez mais acelerado de uma desmaterialização vertiginosa que coroará de angústia a questão do real. É uma época em que o ser, ou melhor, o sentido do real, tornou-se um ponto de interrogação. (p. 10)

Esse movimento, presente na era lacaniana, é sintetizado pela descrença no Outro, instância à qual é imputada uma estrutura de ficção, como ocorre com a verdade. Em sua exposição, Miller e Laurent (1996–1997/2005) distinguem duas versões do Outro, uma referente ao nome do pai, como o Outro da lei, e outra em que este está contido, como ponto de basta e garantia de sua incidência. Esse segundo Outro, identificado como Outro do Outro, é entendido como garantia da verdade que orienta a interpretação.

Para Miller e Laurent (1996–1997/2005), o ensino de Lacan parte da suposição de existência do Outro como real, em direção a seu esvaziamento, até a apreensão de que o real é o gozo. Tal movimento é captado pelo matema exposto na *Figura 3*.

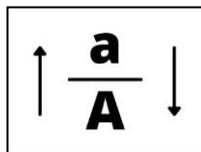


Figura 3. Esquema da ascensão do gozo (*a*) em detrimento da primazia do Outro (*A*).
Fonte: Miller & Laurent (1996–1997/2005).

Esse mesmo matema formula a transição experimentada por nossa era, partindo da suposição do Outro, das autoridades, do saber e do primado da força para um poder impotente

materializado como objeto que faz semblante. Nessa convergência de movimentos, a verdade permanece como ponto incontornável no percurso, formalizado pelo matema, do Outro até o real. Dessa forma, a verdade permanece como uma dimensão a ser articulada para a apreensão da condição do ser falante, situado em sua época e em sua singularidade, ainda que ela possa ser nominalmente desvalorizada ou desprezada na exposição de alguns autores.

Coelho dos Santos (2016), em seu artigo *O outro que não existe: verdade verídica, verdade mentirosa e desmentidos veementes*, coloca a verdade no “campo dos fantasmas que são construídos como defesa contra o real” (p. 578), “dizendo respeito à relação do sujeito com a causa do desejo” (p. 577). Na discussão empreendida por ela, o tema da verdade é mobilizado de forma secundária com o objetivo de situar a atualização do sujeito, outrora submetido ao imperativo da renúncia de satisfação sob o mecanismo do recalque, para a posição do desmentido do nome do pai. Nessa exposição, a autora apresenta as transformações experimentadas na economia psíquica, da era moderna à pós-modernidade, movimento este que acompanha, como também supõe Miller e Laurent (1996–1997/2005), as transições no ensino de Lacan. No que concerne à verdade, esta, segundo Coelho dos Santos (2016), situa o percurso de sua variante factual, passando da verdade como causa para a verdade “sempre mentirosa diante do real sem sentido” (p. 579).

Nessas leituras, claramente convergentes, é possível perceber que, ainda que a verdade seja entendida como limitada diante do real impossível, sua abordagem é incontornável para o tratamento do estatuto da instância do Outro, das novas configurações sintomáticas e da clínica empreendida pelos psicanalistas de nosso tempo. Tal observação sugere que a verdade, apesar de esvaziada de valoração e submetida a limitações, permanece entre os termos fundamentais que permitem ingressar na condição do *fallasser*, submetido ao interior de sua época.

Diferentemente de Miller e Laurent (1996–1997/2005), Coelho dos Santos (2016) não defende a tese da inexistência do Outro, entendendo que esta não é a melhor forma de avaliar a conjectura contemporânea. Em suas palavras,

Nem psicótico, nem perverso, o corpo falante, hoje, está liberado das amarras do recalque e se mostra pouco capaz de sublimar suas pulsões. O mais importante é que considero que não é a vigorosa tese de que o “Outro não existe” [...] que melhor formaliza a configuração de valores contemporânea. Ao contrário, o Outro, a lei simbólica, a castração que divide o sujeito, me parece que são permanentemente confrontados, recusados e desmentidos. (p. 566)

Em sua apreensão, os corpos falantes não respondem aos mestres clássicos, ainda que estes continuem existindo, em vista de sua insistente demanda pelo lugar de exceção à lei. Nessa abordagem, não se faz necessária a distinção entre o Outro da lei e o Outro do Outro, em que a existência do segundo compromete a do primeiro, pois sua constatação deriva da análise da conjectura de nossa época por meio da teoria lacaniana (Coelho dos Santos, 2016).

Essa discordância entre autores bastante alinhados em sua orientação conceitual decorre do fato de que, mesmo que estejam tentando enfatizar as vias de acesso ao além da linguagem e ao além da dimensão do significante, eles estão proferindo um discurso acerca do sentido de uma época. Nesse ato, se seguirmos a fórmula de Marc-François Lacan, não escapamos da dimensão da verdade — insistência demonstrada no dissenso entre leituras originais e singulares sobre as condições que caracterizam nosso tempo.

A visitação a diferentes versões da retórica conservadora, reacionária e conspiratória, bem como a suas contrapartidas no *métier* acadêmico e científico, nos propicia o entendimento de que, frequentemente, podemos encontrar um partidário desta ou daquela versão a respeito do espírito de nosso tempo. Tal como as *fake news*, esse tema exerce uma provocação sobre os sujeitos, gerando produções singulares, dificilmente integráveis entre si e, em parte, incomensuráveis. Essa inquietação é confirmada quando ingressamos mais profundamente em pareceres sobre os tempos contemporâneos, como fizemos aqui, permitindo acessar pontos contrários, antitéticos ou mesmo incompatíveis entre diferentes análises de conjectura. De

entrada, pode-se levantar a hipótese de que, ao analisarmos o espírito do tempo do qual fazemos parte, estamos, em parte, enunciando nossas próprias participação e posição no contexto de uma época, de forma que nosso parecer faz parte dela.

Adentramos assim um limite afim com a verdade, ao estabelecer que a produção de um discurso totalmente acurado e descomprometido com pontos de vistas parciais, como os de classe, ideologia e posição de saber, sobre o tempo em que se está inserido é impossível. Trata-se de um limite que, se encarado do lugar do saber, converte-se em impotência de produzir um saber universalizável a respeito da condição de uma época. Contudo, a virtude de um parecer possível sobre determinado tempo reside justamente em sua parcialidade, pois seus interesses, efeitos e poder de transformação residem no fato de ele ter sido enunciado por um sujeito comprometido pela linguagem e, através dela, por sua época. Um saber depurado desses condicionantes, além de impossível, seria nulo em termos de efeito sobre a realidade.

A essa altura, convém esclarecer que a introdução da dimensão de enunciação, presente nos pareceres de autores como Coelho dos Santos e Miller, não visa a anular sua pertinência, mas reconhecer sua finalidade e seu suporte. Esse movimento, que sustenta um saber sobre o espírito de nosso tempo e limita o alcance da verdade, por sua afinidade com o sentido, tem como objetivo atingir e transmitir as bases de uma clínica do real. Para que ocorra a transmissão pretendida, não é conveniente acolher o efeito disruptivo da verdade sobre um discurso através da perturbação do lugar do agente propiciada por sua emergência. Porém, ao desdobrar os efeitos de verdade da construção da suposta era lacaniana e da doutrina do passe, esta pesquisa pretende habilitar a dimensão da verdade em sua afinidade com o real, reconhecendo essa vocação nas *fake news*, fora do campo lacaniano, da experiência de análise e do discurso do analista, mas, ainda assim, sob a orientação psicanalítica e na observância de seus conceitos fundamentais. Assim, esta pesquisa pretende um retorno sobre suas próprias bases — os

pressupostos psicanalíticos —, antes de retornar ao campo das *fake news*, de modo a suplementar uma lacuna em seu próprio campo: a da verdade voltada para o real.

3.2 A Ambiguidade da Verdade

Apesar de sua familiaridade com o sentido, a verdade transporta uma ambiguidade canonicamente retomada na abertura de *Televisão*, em que Lacan (1974/2003) profere as seguintes palavras: “sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, faltam palavras. É por esse impossível que a verdade tem a ver com o real.” (p. 508). No entanto, podemos encontrar a referência a essa ambiguidade em momentos cruciais do ensino de Lacan.

Não existe relação sexual propõe-se então como verdade. Mas eu já disse da verdade que ela não pode ser senão semi-dita. Então, o que digo é que se trata, afinal, de que a outra metade diga pior. Se não houvesse pior, como isso simplificaria as coisas! É o caso de dizer. (Lacan, 1971–1972/2009, p. 9)

Nas exposições que constituem seu ensino, Lacan lega-nos a observância de nossos dizeres, ainda que estes apresentem valor de teorização, aparentando comungar da mesma perspectiva que seu irmão transmite em sua obra: a da verdade que nunca se esgota enquanto há dizer. Contudo, a verdade é tomada na literatura psicanalítica em sua vertente afim com o sentido e o semblante, mantendo ínfimo o aprofundamento de suas relações com o real. Como foi antecipado, essa ênfase ocorre por diferentes razões, das quais se destaca o fato de que a verdade, enquanto sentido da interpretação, comparece na trajetória do analisante desde seu início e insiste como efeito inesgotável em uma análise, obstruindo a aparição da dimensão do real. Ainda assim, nesse esforço de destacar as bases da clínica do real, Miller e Laurent (1996–1997/2005), retomando as bases do chamado último ensino de Lacan, reconhecem que “entre o verdadeiro e o real há o impossível, que faz, ao mesmo tempo, limite, mas também conexão,

algum tipo de encontro. Pela fala encontramos o real sob as espécies do impossível de dizer” (p. 28). Essa vertente da verdade não ganha mais espaço na argumentação desses autores, dando lugar à sua apreensão a partir de seus limites, não da verdade, mas de sua metade, fazendo com que esta esteja ao lado do sentido e da interpretação, aparecendo sempre em déficit em relação a um “além”.

3.3 Dois Sujeitos

Chegamos, assim, ao seguinte impasse: como a dimensão de verdade disseminada pelas *fake news* pode se aproximar da verdade com a qual a psicanálise opera? Adiantamos que é impossível sustentar uma equivalência entre essas duas versões sem incorrer em imprecisão conceitual. Essa impossibilidade pode ser abordada de diversas formas. Duas formulações, no entanto, são convenientes para o cumprimento dos objetivos do presente trabalho. Em 19 de maio de 1971, Lacan (1971/2009) observou que “fazemos explorações a partir de certo discurso” (p. 120) e que é por causa disso que as funções das referidas explorações são determinadas. Isso quer dizer que o discurso do qual Lacan assume partir, o do analista, estabelece relações que não são necessariamente válidas para outros discursos ou outras modalidades discursivas e de relação com a linguagem.

Em ocasião posterior, Lacan (1972–1973/1985, p. 45) proferiu que “não há nenhuma realidade pré-discursiva. Cada realidade se funda e se define por um discurso”. Esse complemento situa o obstáculo apontado em termos fundamentais. Ainda que o enquadre da realidade não esgote a experiência do sujeito e apresente inconsistências, suas arestas e limites localizam as instâncias que evadem de sua tessitura, legando a consequência de que não é indiferente abordar a instância da verdade e suas relações em discursos distintos.

Outra problemática que expõe tal limite é a impossibilidade de se articular a dimensão da verdade comportada pelas *fake news* com a instância do sujeito abordado pela psicanálise,

por consideração ética. Tomando o sujeito da psicanálise por aquele que esse campo toma por conveniente conduzir a experiência através de uma provocação ao trabalho, orientada ética e metodologicamente, é possível distingui-lo de outras manifestações contextuais dessa mesma instância, que não podem ser reconhecidas em seu programa. Não se trata de uma questão terminológica. Remetemo-la ao sujeito da psicanálise, que não é admitido na experiência psicanalítica sequer por mediação virtual, sendo desdobrado ou mesmo obturado por outras formas de agenciamento das subjetividades. Dito de outro modo, o sujeito em questão no modo de produção da verdade das *fake news* corresponde àquele fundante e operativo em psicanálise, embora não coincidente com o sujeito da psicanálise.

Em *A ciência e a verdade*, Lacan (1966/1998) enuncia que “dizer que o sujeito com quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo” (p. 873). Isso não quer dizer que haja uma coincidência entre sujeitos. No entanto, faz com que decorra do gesto fundador da ciência a instância evanescente do sujeito, abrindo as condições fundantes da psicanálise, que, posteriormente, se estabeleceu como instituição. Nesse seguimento, o estabelecimento da psicanálise enquanto discursividade, atualmente assentada e reconhecida como capítulo da história do pensamento, produz o sujeito da psicanálise, distinto daquele com o qual operamos, suporte da psicanálise enquanto política, instituição e saber. Para a primeira versão mencionada, trata-se do sujeito situado entre saber e verdade, produto da ciência, renovado através de sua imissão desse campo sobre outros domínios. Para o segundo caso, o sujeito emerge enquanto categoria política, sendo ele solidário ao saber da psicanálise enquanto instituição. Essas duas versões do sujeito não são excludentes, ainda que a segunda seja solidária ao semblante. Ocorre que a atualização das vias através das quais o sujeito renova as condições de sua aparição, seguindo o passo da ciência, pode ofender o sujeito da psicanálise, ainda que tais vias sejam pertinentes ao método psicanalítico.

A experiência apregoada pela psicanálise é regida pela ética do bem-dizer e pelo assentimento com a política da falta-a-ser (Santoro, 2006). Essa modalidade de agenciamento do sujeito pode entrar em confronto com as manifestações da subjetividade da época, na medida em que ela inclui experiências que podem, por origem ou de modo secundário, articular projetos contrários às instituições democráticas, às bases da vida cidadã ou mesmo à própria existência da psicanálise. Tal seria o caso das *fake news*, pois estas se tratam de conteúdos de linguagem desdobrados para projetos incompatíveis com a sobrevivência do campo psicanalítico. A observância dessa advertência necessita ser empregada em um ajuste fino com outros cuidados, pois essa mesma proposição pode acarretar um distanciamento irremediável entre o sujeito pesquisador e seu objeto, suscitando uma apreensão projetiva das *fake news*, tal como expusemos. Nesse sentido, as pseudonotícias emergem como uma versão da verdade majoritariamente cooptada por projetos contrários à psicanálise, o que faz delas um aprofundamento da decepção do campo psicanalítico em relação a essa instância.

Para remediar o efeito dessa decepção, abordaremos a trajetória de Lacan relativa à verdade, situando a problemática dessa instância no interior do campo psicanalítico.

3.4 O Percurso da Psicanálise Lacaniana enquanto Percurso da Verdade

Verdade é um termo significativo na psicanálise de orientação lacaniana que alterna, nos comentários e análises da obra de Lacan, entre os estatutos de conceito (Martinez, 2013; Cimenti, 2019) e noção (Triska & D'Agord, 2007; Carvalho, 2020). A essa divergência soma-se o difundido apontamento de que a verdade, seja enquanto conceito, seja enquanto noção, sofreu desvalorização e superação ao longo do ensino lacaniano.

Para adentrar o percurso referente à verdade nessa vertente da psicanálise, é necessário ingressar nos bastidores das leituras relativas ao tema, pois este trabalho desenvolve a hipótese de que, durante a vida de Lacan e nos anos posteriores a sua morte, se aprofundou uma postura

de desvalorização e limitação desse operador. Dessa forma, é necessário situar os diferentes aprofundamentos, presentes em Lacan e em seus comentaristas, acerca dessa situação.

3.4.1 *Dois eixos da desqualificação e da limitação da verdade na psicanálise lacaniana*

A qualificação da verdade enquanto noção na obra de Lacan encontra suporte no caráter externo de sua discussão, referente à disciplina filosófica, fazendo com que os aprofundamentos desenvolvidos a partir de sua referência se distanciem do campo clínico. Nesse entendimento, a verdade não estaria diretamente associada aos conceitos fundamentais da psicanálise, prestando-se às discussões político-filosóficas do campo, necessitando, para tanto, do suplemento de pensadores como Hegel, Foucault e Heidegger. Em complemento a essa leitura, a verdade teria perdido sua importância, concomitantemente à abertura de uma via para além da linguagem, com a qual estava integralmente implicada e da qual sua aparição dependia. É nessa via, aliás, que o registro do real foi enfatizado.

Esses são os dois principais eixos que compõem a delimitação conceitual conferida à verdade na psicanálise de orientação lacaniana. O primeiro eixo pode ser chamado de *sincrônico*, dizendo respeito à consistência do conceito de verdade no interior do ensino de Lacan, e o segundo, de *diacrônico*, no qual o mesmo conceito é esgotado a partir do tratamento dado pelo autor, notoriamente na última fase de seu ensino, nos anos 1970. Esses eixos são evocados para demarcar os limites do uso do termo *verdade* nas discussões psicanalíticas desde Lacan. Contudo, eles não são completamente congruentes. O primeiro eixo agrupa alegações de que a verdade, em sua atualidade, é apresentada de forma insuficiente para ser encarada como termo conceitual. Já o segundo indica que a referência da verdade perdeu a centralidade no ensino de Lacan, mediante seu desenvolvimento. Assim, para que o segundo eixo seja válido, é necessário que sua apreensão no ensino lacaniano seja determinada, superando a exposição da noção, e situada a partir dos três registros, contrariando as ideias presentes nas alegações do

primeiro eixo, do qual se depreende que a referência da verdade, em sua forma nocionista, não apresenta determinação para situar esse movimento.

O presente trabalho, partindo da não coincidência entre os dois eixos de desqualificação da verdade no ensino de Lacan, situa uma via alternativa para essa discussão, a qual concebe os impasses gerados pela apresentação do conceito de verdade como derivados de seu reconhecimento e da apreensão de suas características estruturais. Em seu ensino, Lacan vai além da delimitação conceitual, considerando que a verdade está implicada nos dizeres que a transmitem, elevando-a à condição de operador — posição esta que adotamos nesta pesquisa.

3.4.2 Manutenção da verdade no ensino de Lacan

Enquanto operador, a verdade não é uma referência que se apaga com as discontinuidades do ensino de Lacan. Na verdade, Lacan forneceu amostras da insistência dela durante as décadas de sua transmissão. O entendimento de que houve um esgotamento desse operador se deve, novamente, às ressonâncias propiciadas por um período posterior de enfraquecimento e desvalorização.

Para demarcar a manutenção da centralidade do tema durante a trajetória lacaniana, utilizaremos a inscrição gráfica da frequência com a qual o termo *verdade* foi relevantemente mencionado nos seminários de Lacan de 1952 a 1980. Essa representação é extraída do *Index* de Henry Kreutzen, dedicado ao mapeamento das principais passagens estabelecidas nos textos dos seminários, as quais são organizadas através de um índice alfabético de termos e expressões representativas. Ao contemplar esse registro, é possível tomá-lo como referência adicional para a discussão sobre o estatuto do conceito de verdade em Lacan.

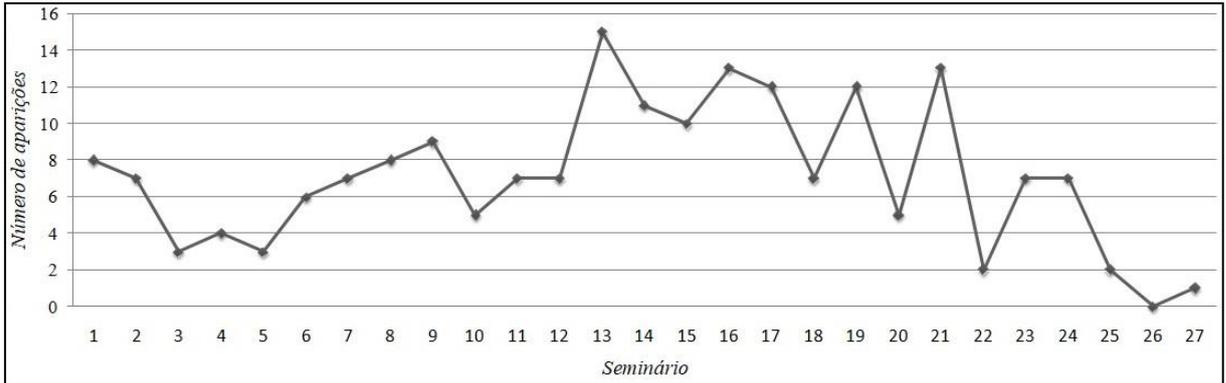


Gráfico 1. Aparições conceituais do termo *verdade* por seminário.

Fonte: Krutzen (2009).

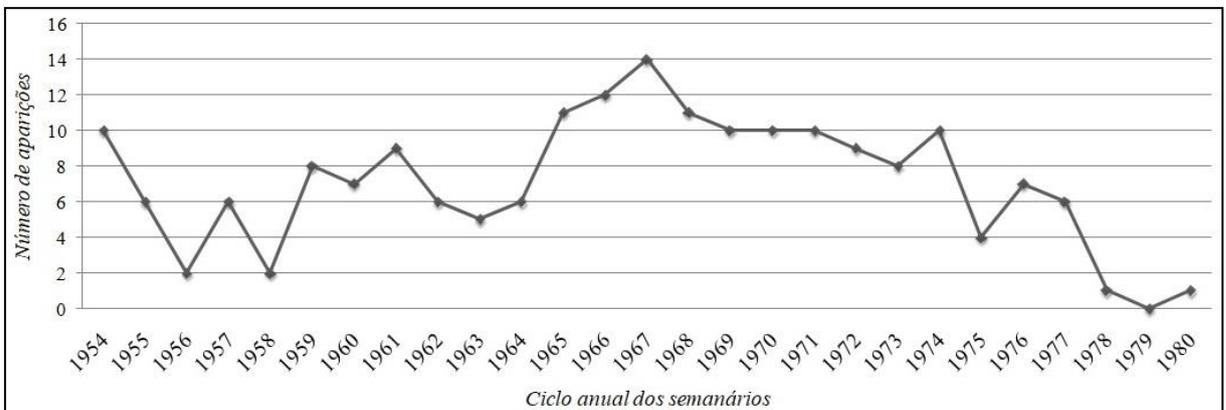


Gráfico 2. Aparições conceituais do termo *verdade* por ciclo anual dos seminários proferidos por Lacan entre 1954 e 1980.

Fonte: Krutzen (2009).

O Gráfico 1 apresenta as aparições da verdade de valor conceitual, isto é, as declarações registradas nas versões dos seminários em que o termo é significativamente evocado, excluindo-se os momentos nos quais ele aparece por alusão ou menção. Observa-se, nessa representação, que a palavra *verdade* apresenta uma amplitude maior de variação a partir de seu pico no *Seminário XI*, mantendo-se estável nas declarações de Lacan até assumir valores mais baixos, a partir do *Seminário XXV*.

Em complemento a essa representação, buscou-se fazer o mesmo percurso por ano, visto que o registro por seminários apresenta uma divisão por intervalos de tempo irregulares. Por meio da referência anual, com intervalos regulares, observa-se um declínio consistente da

recorrência da verdade a partir de 1967, pico do uso do termo, ao mesmo tempo que ela apresenta aparições acumuladas maiores do que o período que antecede a essa data.

Assim, do ponto de vista quantitativo, apesar de seu declínio, a partir do ano de 1967, a verdade insiste até os últimos momentos do ensino de Lacan de modo significativo. Resta observar, partindo da perspectiva qualitativa, as possíveis modificações que ela experimentou em seu estatuto durante a trajetória lacaniana. Para tanto, tomaremos exposições e escritos basilares, que contemplam essas modificações, de modo suficiente para expor o argumento aqui desenvolvido, evitando prolongamentos que excedem os propósitos desta pesquisa, dedicada às *fake news*.

Para apreciação qualitativa do percurso da verdade no ensino de Lacan, tomaremos dois momentos extremos, do ponto de vista valorativo, dedicados a ela, nos quais situa-se uma suposta modificação da posição lacaniana em relação a esse operador. O primeiro grupo de manifestações em relação à verdade, dentro dos critérios estabelecidos, outorga-lhe o estatuto de operador da experiência analítica, por meio do qual desdobra-se o que, posteriormente, foi estabelecido como saber não sabido.

Na análise, a partir do momento em que engajamos o sujeito, implicitamente, numa pesquisa da verdade, começamos a constituir a sua ignorância. Somos nós que criamos essa situação, e portanto essa ignorância. Quando dizemos que o eu nada sabe dos desejos do sujeito, é porque a elaboração da experiência de Freud no-lo ensina. É o que é expresso concretamente no processo da *Verneinung*, e que, no conjunto estático do sujeito, se chama desconhecimento. (Lacan, 1953–1954/1983, p. 193)

O mesmo operador é evocado nesse período para delimitar sua articulação com o registro do real. É possível observar que, desde suas primeiras formulações, a verdade mantém interação com diferentes propostas do real desenvolvidas por Lacan. Contudo, convém observar que o conceito de real, a essa altura, não coincide com o registro desenvolvido posteriormente, estando, aqui, atrelado à dimensão de realidade.

Antes da palavra, nada é, nem não é. Tudo já está aí, sem dúvida, mas é somente com a palavra, que há coisas que são – que são verdadeiras ou falsas, quer dizer, que são — e coisas que não são. É com a dimensão da palavra que se cava no real a verdade. Não há nem verdadeiro nem falso antes da palavra. (Lacan, 1953–1954/1983, p. 261)

Ressalta-se que, mesmo nessa versão preliminar do real, a verdade já está claramente estabelecida como elemento distinto dessa instância, destacada dela por meio da limitação de seu alcance diante do real, com o qual a ciência, inclusive, desenvolve contato.

Que ocorra também o fato de as estrelas não terem boca e serem imortais, isto é, de outra ordem — não se pode dizer que seja verdade, é real. Está fora de cogitação as estrelas terem boca. E, para nós, ao menos, o termo imortal tornou-se, com o tempo, puramente metafórico. É incontestavelmente real que estrela não tem boca, mas ninguém nem sonharia com isso, no sentido próprio do verbo sonhar, se não houvesse seres providos de um aparelho de proferir o simbólico, isto é, os homens, para fazer com que se repare nisso. (Lacan, 1954–1955/1995, p. 300)

Já em 1957, Lacan profere uma das célebres formulações sobre a verdade, cuja ressonância, de modo retroativo e somando-se a declarações posteriores, contribui para a prática de limitação e desvalorização da verdade entre seus comentaristas. Essa ocasião ocorre na discussão lacaniana dedicada ao mito, da qual é extraída a máxima, transformada em truísmo, de que “a verdade tem uma estrutura de ficção” (Lacan, 1956–1957/1995, p. 259). Essa qualificação se insere na discussão lacaniana dedicada à estrutura dinâmica do mito, que reafirma a importância da verdade enquanto operador no interior da teoria lacaniana.

Vou indicar também o problema suscitado pelo fato de que o mito tem, no conjunto, um caráter de ficção. Mas esta ficção apresenta uma estabilidade que não a torna maleável de modo algum maleável às modificações que lhe podem ser trazidas, ou, mais exatamente, que implica que toda modificação implica por sua vez, por essa razão, uma outra, sugerindo invariavelmente a noção de estrutura. Por outro lado, essa ficção mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade. Aí está uma coisa que não pode ser separada do mito. (Lacan, 1956–1957/1995, p. 258)

É a partir dessa associação com o mito que a verdade é pensada como instância que dele é indissociável, a qual, tal como o mito, é descrita como algo “que tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (Lacan, 1956–1957/1995, p. 259). Assim, apesar de a verdade ser

reputada como valor de estrutura, o sentido dessa fórmula desmorona, tendo em vista as fórmulas posteriores do ensino de Lacan sobre o significante *ficção*.

Lacan reitera a mesma fórmula em ocasiões posteriores. Novamente, os apontamentos sobre a estrutura ficcional da verdade a introduzem na tessitura do Édipo, invenção freudiana requalificada e reabilitada por Lacan a partir da referência estrutural, sentido que, novamente, assume valoração oposta nas décadas subsequentes (Lacan, 1958–1959/2016).

Os anos seguintes testemunharam desenvolvimentos que incrementaram o estatuto da verdade no interior da teoria lacaniana, na medida em que modificações em seu nível, promovidas pela invenção cartesiana, se mostraram centrais para o estabelecimento das condições de possibilidade da psicanálise.

Quero dizer que, se nos lembrarmos do próprio método cartesiano, não poderemos esquecer a que este método leva seu autor. Ei-lo dando um bom passo em direção à verdade, mais ainda: essa verdade não é, de forma alguma, nele como em nós, posta no parêntese de uma dimensão que a distingue da realidade. Essa verdade sobre a qual Descartes avança, com seu passo conquistador, é bem daquela da coisa que importa. E isso nos leva a que? A esvaziar o mundo até não deixar nele mais que esse vazio que se chama extensão. (Lacan, 1961–1962/2003, p. 115)

A respeito de Descartes, prossegue Lacan:

No entanto, após essa operação quase alquímica que ele realiza diante de nós, ele vai fazê-la desvanecer-se, reduzir-se a não ser mais que a pura extensão; nada mais onde possa se imprimir aquilo que, justamente, está elidido em sua experiência. Não há mais relação entre o significante e nenhum traço natural por excelência que constitui o imaginário do corpo. (Lacan, 1961–1962/2003, p. 115)

A referência a Descartes é desdobrada posteriormente na comunicação lacaniana *A ciência e a verdade*:

Assim, não esgotei o que concerne à vocação de ciência da psicanálise. Mas foi possível notar que tomei como fio condutor, no ano passado, um certo momento do sujeito que considero ser um correlato essencial da ciência: um momento historicamente definido, sobre o qual talvez tenhamos de saber se ele é rigorosamente passível de repetição na experiência: o que foi inaugurado por Descartes e que é chamado *cogito*. (Lacan, 1966/1998, p. 870)

Com o desenvolvimento do *cogito* enquanto pedra basilar da fundamentação da psicanálise e de sua dignidade enquanto ciência, a verdade atinge um estatuto central e positivamente valorado na transmissão e na renovação da psicanálise a partir de Lacan. Contudo, no interior do que chamamos aqui de uma elevação, foram estabelecidas as bases de um segundo momento do ensino de Lacan, no qual a verdade perde centralidade e valor, sendo, por vezes, objeto de declarações negativas.

Para indicá-lo, é necessário retomar *A coisa freudiana*, texto baseado em uma exposição decisiva no percurso lacaniano em sua relação com a comunidade psicanalítica. Nessa exposição, ele circunda o caráter da invenção freudiana para indicar o desvio de suas bases por seus pares. Uma dessas bases responde por uma nova doutrina da verdade, que Lacan exprime através de seu dito “eu, a verdade, falo”.

Mas eis que a verdade, na boca de Freud, pega o dito touro à unha: “Sou para vós, portanto, o enigma daquela que se esquivava tão logo aparece, homens que tanto consentis em me dissimular sob os ouropéis de vossas conveniências. Nem por isso deixo de admitir que vosso embaraço seja sincero, pois, mesmo quando fazeis de vós meus arautos, não valeis mais ao portar minha bandeira do que essas roupas que vos pertencem e que se parecem convosco, fantasmas que sois. Por onde, afinal, irei passar em vós, onde estava eu antes dessa passagem? Será que um dia vo-lo direi? Mas, para que me encontreis onde estou, vou ensinar-vos por que sinal reconhecer-me. Homens, escutai, eu vos dou o segredo! Eu, a verdade, falo”. (Lacan, 1956/1998, p. 410)

Essa condensada manifestação aponta para três dimensões da verdade enquanto instância para a psicanálise: a *tendência à dissimulação e apropriação*, a *dimensão de enigma* e a *irredutibilidade ao dito*. A tendência à dissimulação responde pela suscetibilidade da verdade enquanto instância que conta com diferentes versões e pretensos domínios de seu valor, aspecto este que é essencialmente inescapável do ato da própria fala.

A dimensão de enigma da verdade decorre do fato de que a condição do ser falante, situada a partir de sua entrada na linguagem, anterior ao próprio ingresso no discurso, está fundamentalmente comprometida com o próprio limite estrutural da linguagem, devido ao qual

sempre faltarão palavras. A impotência de toda palavra em figurar como última é o corolário da arbitrariedade do significante e da contingencialidade de seus efeitos.

A terceira dimensão da verdade corresponde à impossibilidade de isolá-la da produção significante que a produz, na qual um efeito de verdade está atrelado ao dizer que lhe dá suporte. Assim, a verdade fala, e sua escuta está implicada na captação de um dizer capaz de comportar seus efeitos — efeitos que desaparecem na impossibilidade de dizer a verdade da verdade, ou seja, de estabelecer um dito metalinguístico sobre a verdade de um dizer.

Essas três características extraídas da performance realizada por Lacan, em que ele assume o papel da figura da verdade, estabelecem as bases da dinâmica da verdade enquanto operador e conceito, de modo que a consideração dessas características fornece uma chave de leitura para discutir e desdobrar suas aparições no ensino lacaniano. Naquela mesma exposição, Lacan inaugura as manifestações propriamente valorativas em relação à verdade. Assumindo-se como sua encarnação, ele manifesta intrigantes sentenças sobre a natureza da verdade, semelhantemente à ambivalência da figura medieval da Fortuna.

Ficai, portanto, com vosso vago senso da história, e deixai os peritos basearem na garantia de minha futura empresa o mercado mundial da mentira, o comércio da guerra total e a nova lei da autocrítica. Se a razão é tão astuciosa quanto disse Hegel, ela executará bem sua obra sem vós. (Lacan, 1956/1998, p. 411)

Nesse trecho, a verdade aparece implicada em projetos escusos e revela-se uma instância ambivalente, não necessariamente comprometida com o discurso da psicanálise. De fato, a verdade foi associada à trapaça em situações anteriores (Lacan, 1953–1954/1983). Aliás, a relação dessa instância com a mentira ou mesmo com a trapaça possibilitou a abertura da via da experiência analítica. Na ocasião em que a verdade se permite falar, ela emerge implicada no mercado mundial da mentira, no comércio da guerra e em uma nova lei da autocrítica, sendo demarcada enquanto operador necessário cuja vinculação excede os limites da psicanálise.

A coisa freudiana evidencia o ambivalente estatuto da verdade em psicanálise: um operador necessário e em constante atualização que, ao mesmo tempo e na própria apreensão da psicanálise, está implicado, em sua progressão, em empresas distintas e potencialmente contrárias à existência da própria verdade.

Miller (2001) aponta que, nessa exposição, Lacan referenciou-se na apresentação da loucura no elogio de Erasmo, figurando em primeira pessoa, o que, para o autor, gerou efeitos adversos, levando a verdade a parecer uma instância excessiva e megalomaniaca, na medida em que contraria sua condição fundamental de semi-dizer. Miller sugere ainda que Lacan sofreu uma decepção com a verdade:

Talvez Lacan tenha, afinal de contas, ficado decepcionado com essa verdade. Talvez, a verdade tenha acabado ficando deprimida. Em todo caso, ela reconheceu que não podia falar tão alto assim, que devia apenas se dizer pela metade, se meio-dizer, se insinuar na fala. Ela teve, sobretudo, que admitir que, ao falar, tampouco dizia a verdade. (Miller, 2001, p. 66)

A partir dessa leitura, o autor interpreta o estatuto da verdade em psicanálise:

Na experiência inventada por Freud para dar palavra à verdade, a verdade mostrou-se tão variável e tão confiável quanto a mentira. Ela se revela dócil aos efeitos do significante, seguindo ora um, ora outro, entregue a uma metonímia sem tréguas, submetida a retroações semânticas, mudando constantemente o seu valor. Em suma, a verdade se revelou: era somente um semblante. (Miller, 2001, p. 66)

Miller avalia o prenúncio do *mercado mundial da mentira*, do *comércio da guerra total* e da *nova lei da autocrítica* pela verdade como algo megalomaniaco e excessivo. Para ele, a verdade figuraria aí como semblante. Este trabalho propõe uma apreensão alternativa dessa passagem, reconhecendo a realização da empresa da verdade através das *fake news*.

Para suplementar este capítulo, retomaremos um ponto notabilizado do ensino de Lacan em que a verdade revela seu estatuto decaído, na forma de verdade mentirosa. Essa referência tem o objetivo de situar os termos do argumento, localizando o que Miller (2001) indicou como decepção com a verdade, posição esta radicalizada pela progressão do espírito do tempo. Tal

nominação para a verdade é apresentada em maio de 1976, no prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*. Lacan introduz essa designação nos seguintes termos: “Restaria o fato de eu dizer uma verdade. Não é o caso: eu erro. Não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta” (Lacan, 1976/2003, p. 567).

Interessa na retomada dessa indicação, a despeito da afirmação da verdade como elemento significativo do testemunho do passe e do percurso da análise, a vertente valorativa desse operador enquanto figura mentirosa. Retomando as mesmas características que lhe foram atribuídas no desenvolvimento do ensino de Lacan, é pertinente indagar se a verdade, uma vez verdadeira, quando submetida à atenção, não conservaria nenhum impossível. Contudo, a extensão dos ditos de Lacan em relação à verdade indica o atrelamento entre os limites que estabelecem sua dinâmica e sua desvalorização — potencialidade que é ampliada por leituras posteriores. Nesse contexto, estabelece-se que o efeito de atribuições desse gênero amplia a desvalorização da verdade para a desvalorização do dito.

Como alternativa a essas possibilidades de leitura, este trabalho toma o fenômeno das *fake news* enquanto um capítulo da progressão da verdade, cujo contexto é o das resistências à expansão do discurso da ciência. O próximo capítulo pretende desdobrar essa proposta, usando a discussão das notícias *fake* para viabilizar a possibilidade de leitura de que a verdade, nas fases posteriores do ensino de Lacan, insiste em sua aparição. A insistência da verdade, no ensino de Lacan e na desinformação, responde por sua dimensão de real.

4 DERIVAS DA VERDADE E POLÍTICA DAS *FAKE NEWS*

A verdade consiste na performance subjacente ao dito, concepção esta que qualifica sua manifestação linguística como um ato performativo. Nessa condição, a verdade está insinuada em um dito, fazendo com que o recurso à palavra contraia, potencialmente, valor de verdade, estendendo-o para atos como o engano, a trapaça e a mentira (Julien, 1996).

A condição de semi-dizer da verdade é garantida pelo fato de que não é possível dizer sobre o que se enuncia no ato de um dito (Lacan, 1969–1970/2012), de modo que, ao fazê-lo, não se pode, ao mesmo tempo, dizer sobre o que um dito enuncia. No caso da verdade falante, essa fórmula enuncia, propõe-se, o teor da problemática da verdade no interior do ensino lacaniano, cujas consequências foram sentidas nos anos posteriores. Contudo, a emergência da verdade é possível mantendo sua condição de semi-dizer, na chamada parrésia. A verdade, em *A coisa freudiana*, recorre à parrésia e encontra em sua coragem de se assumir como insidiosa o núcleo de seu efeito sobre seu próprio encadeamento no corpo conceitual da psicanálise, após esse período ambíguo, sendo ora articulada em construções importantes, como no *cogito* cartesiano e na teoria lacaniana dos discursos, ora deslocada do núcleo dos desenvolvimentos do campo psicanalítico, como objeto de declarações que aparentam rebaixar seu estatuto.

4.1 A Verdade para o Real

No período que abrange a escrita deste trabalho, fui animado por uma pergunta secundária à minha investigação, referente ao estatuto da verdade em sua relação com os três registros: *estaria realmente vedado a ela qualquer articulação com o real?*

A primeira hipótese que pode ser lançada sobre essa pergunta é a de que a vinculação da verdade com o real está em sua vertente não dita e, por isso, não teria maiores desdobramentos e dependeria da dimensão da fala, limitando seu alcance. Uma vez não

vinculada ao real, a verdade perderia importância na psicanálise, haja vista o destaque dado pelo ensino de Lacan, a partir dos anos 1970, ao registro do real. Ao tomar a apresentação da vertente borromeana, Lacan (1975–1976/2007) o expressa nos seguintes termos:

Fui levado a articular essa a ideia, e até mesmo descrevê-la, conjugando nela o simbólico, o imaginário e o real. O importante é o real. Depois de ter falado do imaginário e do simbólico, fui levado a me perguntar o que podia ser o real nessa conjunção (p. 103)

O chamado último ensino de Lacan apresenta uma “ode ao real”, valorização esta que não pode prescindir, segundo Freitas Barroso e Ferrari (2014), da instância do simbólico, registro ao qual está atrelada. Ainda assim, o admitido caráter ficcional da linguagem a aproxima do nível do semblante, sugerindo a apreensão que os desenvolvimentos do ensino de Lacan fizeram da verdade, enquanto semblante.

As discussões sobre o estatuto da verdade no interior da psicanálise lacaniana são atravessadas por elementos valorativos cruciais para a modernidade, pois a destituição de sua cristalização enquanto figura que concedia legitimidade absoluta a determinados dizeres, como pode ser encontrado nas ideologias e religiões, é um capítulo da era moderna que se convencionou chamar de pós-modernidade. Um dos elementos fundadores desse capítulo consiste na demissão do estatuto valorativo da verdade, a partir de uma diversidade de correntes teóricas, como o relativismo, o perspectivismo, a antropologia e a história cultural. Contudo, esse posicionamento não supera a questão da verdade na modernidade; pelo contrário, ele aparece como uma contravaloração. Dessa forma, pode-se dizer que a pretensa superação da verdade na pós-modernidade comporta uma posição valorativa em relação a essa mesma instância, a qual se encontra em sua insistência, através do fenômeno das *fake news*.

O eixo central desse atravessamento é a relação da verdade com o semblante, redução esta contida, se é possível expressar dessa forma, na história da verdade. A verdade nos momentos históricos anteriores à modernidade, em que foi elevada ao estatuto de estandarte, teve, sem dúvida, sua vinculação ao semblante destacada. Contudo, independentemente da

temporalidade histórica, não há forma de reduzir a verdade à dimensão do semblante, considerando a doutrina lacaniana que a entende enquanto semi-dizer. Desse modo, não seria surpreendente encontrar, em doutrinas históricas anteriores, apreensões de sofisticação da verdade e interesses superiores àqueles desenvolvidos pela psicanálise. Ainda assim, é possível distinguir, na confrontação, versões diferentes da verdade na modernidade. A primeira, absoluta, correspondente à realidade e é tomada como valor, de modo que aquilo que assume valor de verdade contrai a dignidade do ser. Ainda no século XXI, é possível encontrar variantes influentes dessa perspectiva e independentes do neopositivismo, como o objetivismo de Ayn Rand. Já a segunda versão reúne uma profusão de propostas teóricas que condicionam a verdade a alguma referência, como a linguagem, a cultura e a história, relativizando-a em diferentes níveis ou negando-a.

A segunda versão, além de profusa, veicula o declínio da verdade em sua vertente valorativa, na medida em que sua defesa permite enunciar juízos de valor relativos ao estatuto dessa instância. A redução da verdade ao semblante parte de uma leitura de Lacan, animada por essa valoração, que denuncia seu juízo de valor. Lacan (1975–1976/2007) observa que, no nível do discurso, semblante e verdade mantêm uma ligação íntima, de modo que ao semblante compete a função primária da verdade. Apartando-nos das nuances do debate sobre a verdade e o semblante na discussão empreendida por Lacan a respeito dos discursos, inferimos que há, na máxima expressão da vinculação entre verdade e semblante, uma relação íntima, a qual, no entanto, não leva a uma equivalência.

Para além de sua dimensão de semblante, a verdade permanece como instância marcada pela impossibilidade de ser toda-dita, fratura esta que estabelece sua insistência e sua variabilidade, pois tudo em sua expressão pode se deslocar, à medida que sua impossibilidade permaneça no mesmo lugar. Tal característica não implica a redução da verdade a uma condição

inerte ou ao efeito de uma variabilidade inócua. A verdade encontra meios de progressão justamente através de sua estrutura de ficção. Nesse sentido, Lacan afirma (1971/2009):

A verdade só progride por uma estrutura de ficção. É por se promover em algum lugar uma estrutura de ficção, que é propriamente a essência mesma da linguagem, que pode produzir-se uma coisa que é essa espécie de interrogação de pressão, de constrição, que imprensava a verdade, se assim posso dizer, no muro da verificação. Não se trata de outra coisa senão da dimensão da ciência. (Lacan, 1971/2009, p. 124)

Através de sua estrutura de ficção, capitaneada pelas leis da linguagem em contraposição aos objetos que a designam, a instância da verdade é capaz de progredir, apresentando modificações que acompanham construções mesmo que no nível do real. É através dessa dimensão ficcional, objeto de valorações negativas, que ela pode atingir a esfera do registro real. Para explaná-lo, é necessário recorrer à mediação de uma instância pouco abordada por Lacan em seu ensino: o irreal. Nos dizeres de Lacan (1964/1985),

Irreal não é de modo algum imaginário. O irreal se define por se articular ao real de um modo que nos escapa, e é justamente o que exige que sua representação seja mítica, como a fazemos. Mas, por ser irreal, isso não impede um órgão de se encarnar. (p. 195)

Lacan manifesta-se a respeito do irreal ao abordar a libido como órgão irreal, por meio de sua designação mítica. O irreal é tocado para expressar a tentativa, por parte de Lacan, de exprimir um substituto para o famoso mito de Aristófanes, presente no Banquete de Platão, denominado *mito da lâmina*. O *mito da lâmina* bem como a *verdade falante* são manifestações que se destacam no ensino lacaniano pelo embaraço e pela estranheza que geram, em contraste a seu formalismo e sua erudição, podendo ser entendidas como momentos de arroubos do autor, a partir de chaves de leituras legítimas. A pesquisa aqui desenvolvida não adota tal opção e tende a se aprofundar no teor dessas manifestações que, como é lícito admitir, apresentam as virtudes necessárias para obter repercussão nas atuais redes sociais.

Esta via participa do cômico. Isto é absolutamente essencial para compreender o menor dos diálogos de Platão, *a fortiori* o que há no *Banquete*. Trata-se mesmo, se vocês quiserem, de uma

biague. Trata-se é claro da fábula de Aristófanes. E um desafio aos séculos, essa fábula, pois ela os atravessou sem que ninguém tente fazer melhor. Eu vou tentar. (Lacan, 1964/1985, p. 186)

Lacan (1964/1985) expressa sua tentativa nos seguintes termos:

De cada vez que se rompem as membranas do ovo de onde vai sair o feto em passo de se tornar um neonato, imaginem por um instante que algo se volatiliza, que com um ovo se pode fazer tanto um homem quanto uma omelete, ou a lâmina. (p. 186)

Ao dizê-lo, ele prossegue:

Vejo mal como não entraríamos em luta com um ser capaz dessas propriedades. Mas não seria uma luta cômoda. Essa lâmina, esse órgão, que tem por característica não existir, mas que não é por isso menos um órgão — eu lhes poderia dar maior desenvolvimento sobre esse lugar zoológico — é a libido. (Lacan, 1964/1985, p. 186)

Assim, a suposição da libido como órgão irreal retoma o mito da lâmina, no qual é proposto o estabelecimento da pulsão no humano. Interessa a esta investigação a estrutura de ficção presente no mito e na verdade, através da qual sua variante, implicada nas *fake news*, progride e aborda o registro do real. A partir dessas considerações, podemos retornar às pseudonotícias.

4.2 A Expansão da Ciência enquanto Terreno das *Fake News*

As *fake news*, enquanto produto da desinformação, são recursos que merecem atenção por parte dos estudos psicanalíticos, na medida em que são elementos essenciais, indispensáveis e, como assinalamos nos dois primeiros capítulos, incendiários da própria desinformação. A leitura aqui proposta, centrada no conceito de verdade na perspectiva psicanalítica, permite contribuir com elementos desse campo, os quais nos conduzem a um entendimento da dinâmica das notícias *fake*. Para tanto, é necessário ressaltar os bastidores moralizantes dessa discussão e demitir provisoriamente o saber da psicanálise, movimento esse proposto pela desinformação.

No seguimento dessa trilha investigativa, surge a pergunta sobre as condições que propiciaram a vocação disruptiva das *fake news*, relativa aos jogos de saber. Uma notícia *fake* desautoriza as classes que ostentam a posição de saber em relação a uma matéria, ao mesmo tempo que determinam grupos emergentes — frequentemente, seus próprios autores — como sucedâneos dessa incumbência. Para responder essa interrogação, a presente pesquisa parte do entendimento de que as classes do saber, contestadas ou não sobre sua cientificidade, são atravessadas pela discursividade produzida pela ciência. Abordar o discurso da ciência a partir da perspectiva lacaniana provoca ambiguidades em relação a qual poderia ser, entre os quatro discursos, seu recorte. Ao ingressar nessa questão, propõe-se que não há um único discurso que corresponda à ciência, visto que a atividade científica acontece em diferentes setores. Nesse sentido, serão tomadas as possibilidades de o discurso da ciência ser encarado como discurso da histórica ou do universitário, fundamentando a escolha por esse último.

Em *Radiofonia*, texto estabelecido com base em uma entrevista concedida a Robert Geogin, Lacan (1970/2003) observa que “a ciência toma seus impulsos do discurso da histórica” (p. 436). Essa declaração reforça o pressuposto de que Lacan inscreve a ciência no registro do discurso histórico. Tal indicação, quando extraída de seu contexto, parece transmitir um intrigante sentenciamento da ciência enquanto modalidade do discurso histórico.

Contudo, ao tomarmos a distinção que pode ser feita entre os segmentos que respondem pela instituição científica — notavelmente sua divulgação, prática e política interna —, podemos dar relevo à discussão do discurso da ciência. Tal aprofundamento não é inócuo, pois permite a proposição de uma dinâmica discursiva, na qual a instância do inconsciente está implicada no interior dos jogos de poder, promovidos a partir das instituições científicas. A respeito dessa matéria, Lacan (1970/2003) situa:

Reportando-nos ao que instaurei este ano, a partir de uma articulação radical do discurso do mestre como avesso do discurso do psicanalista, sendo dois outros discursos motivados por um quarto de volta que dá passagem de um ao outro — a saber, o discurso da histórica, de um lado, e o discurso universitário, de outro —, o que se tira daí é que o inconsciente nada tem a ver

senão com a dinâmica que precipita a passagem brusca de um desses discursos para outro. Ora, certo ou errado, acreditei poder correr o risco de distingui-los do deslizamento - de uma cadeia articulada pelo efeito do significante, considerado como verdade - sobre a estrutura, como função do real na dispersão do saber. (p. 435)

Nessa exposição, Lacan localiza o discurso do analista e o do mestre na relação de avesso, enquanto o discurso da histérica e o do universitário estão em uma posição intermediária, sendo atingidos pelo quarto de giro dos dois primeiros. Nessa articulação, o inconsciente é destacado como movimento distinto do giro discursivo, o qual, no entanto, propicia o movimento de um discurso a outro. Para Lacan (1970/2003), o inconsciente, a partir da perspectiva discursiva, atua “em provocar a balança com que um discurso vira outro, por defasagem do lugar onde se produz o efeito de significante” (p. 435). Assim, o inconsciente não atua somente como lugar e configuração estática dos discursos, na disjunção entre o lugar da verdade e o da produção, e sim participa dos giros discursivos que possibilitam a sucessão e a articulação dos próprios discursos. Tal indicação permite desdobrar a segmentação da ciência a partir da referência discursiva.

A crise das *fake news* comporta a ciência por meio de um segmento distinto daquele evocado por Lacan para inscrevê-la no discurso histórico. O segmento da ciência evocado pelo autor para promover essa aproximação responde pelas práticas científicas. Sua referência para abordar a ciência é declaradamente Koyré (Lacan, 1966/1998; 1970/2003), filósofo dedicado à pesquisa da filosofia da ciência e que enfatiza os bastidores de sua prática. A partir dessa referência, Lacan recorre a figuras como Galileo, Kepler, Copérnico e Newton, cientistas praticantes que promoveram modificações profundas no estabelecimento da ciência moderna. Esse segmento da ciência priorizado por Lacan não é central no fenômeno das *fake news* ou mesmo na onda de negacionismo que o seguiu em 2020. Atua, em primeiro plano, na crise das notícias *fake* o discurso da ideologia da ciência, que é uma prática discursiva exterior à prática e à institucionalidade do movimento científico. As indicações de Lacan sobre essa dinâmica

externa à ciência são obtidas em outras referências, que complexificam o quadro do discurso atribuído à ciência, justificando sua segmentação.

Em *A ciência e a verdade*, Lacan (1966/1998) soma às características da ciência seu impacto fundador da era moderna, indicando haver em sua dinâmica uma imissão, isto é, uma intromissão, através da qual ela expande seus domínios.

Essa posição da ciência justifica-se por uma radical mudança de estilo no tempo de seu progresso, pela forma galopante de sua imissão em nosso mundo, pelas reações em cadeia que caracterizam o que podemos chamar de expansões de sua energética. Em tudo isso nos parece radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: de que ela é inaugural nesta e de que a ciência a reforça cada vez mais. (pp. 869–870)

Em nossa abordagem das *fake news*, consideramos, prioritariamente, um aspecto dessa expansão: a ampliação de sua ideologia sobre as classes do saber. O estabelecimento do *status* absoluto da ciência, indicado por Lacan, impacta, desde sua fundação, outros campos do saber que, em diferentes graus, incorporam processos, orientações filosóficas e aspirações retiradas do campo científico em sentido estrito. A própria psicanálise pode ser entendida como um capítulo dessa expansão: trata-se de uma disciplina inicialmente animada pelo cientificismo oitocentista, como pontuamos anteriormente.

Paralelamente aos impactos mais evidentes da ciência sobre o mundo, efetivados pelos resultados da aplicação de sua técnica, que altera concretamente as distâncias, as temporalidades entre os modos de vida e a potencialidades da intervenção humana, emerge sua influência sobre os jogos de poder. Santiago (2001) argumenta que, na abordagem lacaniana da ciência, deve ser diferenciada a estrutura que caracteriza o saber científico dos impactos de sua aplicação sobre o mundo, sendo que esse último habilita o desdobramento da ciência enquanto forma de discurso. Essa ordem de impactos, prossegue Santiago (2001) na esteira de Lacan, é alheia às próprias figuras internas da ciência, precipitando a situação na qual esta, ainda que saiba o que faça no interior de sua prática, não sabe o que causa. Tal estado de coisas é constatável no interior da crise das *fake news*, onde os agentes, contestados em seu dizer e em

sua posição de saber, não são capazes de localizar, como foi abordado no capítulo primeiro, seu envolvimento nessa crise, figurando essa atitude como a manifestação de um ponto de ignorância do cientista em relação aos efeitos de sua prática sobre o mundo.

A expansão ideológica da ciência altera as formas pelas quais o saber é exercido em sua dimensão de poder, levando ao afastamento, no interior de sua prática, da reputação sapiencial e da suposição de conhecimento, excluindo os elementos basculantes da relação transferencial e da dinâmica da verdade presente em suas relações. O ideal da ciência vislumbra estabelecer a autoridade e a adesão a um dito de forma esvaziada do suporte que o enuncia, tomando como referência de sua validade e sua crença a inscrição realizada a partir de processos de verificação. Nesse processo, desponta uma ideologia de difusão e exercício do saber que prescinde do suporte que veicula o dizer, apartando-se das dimensões da verdade e da transferência que mediam a circulação de um dito na transmissão de saber e no laço social que lhe é subjacente. Tal aspiração no nível do discurso da ciência converge com a proposta de Lacan (1970/2003) de definir a ciência como “ideologia da supressão do sujeito” (p. 436), aspecto este que tem como corolário a supressão da dinâmica da verdade, na medida em que sua performance, através do dizer, é excluída dessa lógica. Contudo, essa operação não coincide com os aspectos internos da ciência: notavelmente, a exclusão do sujeito em sua prática.

A diferenciação entre essas duas dinâmicas convergentes decorre da distância, ampliada pela própria expansão da ciência, que é crucial para localizar sua participação na crise das *fake news*. Por um lado, as práticas científicas não são perturbadas em seu exercício pelo que foi apontado como retorno da verdade através das *fake news* na arena política. Por outro, sua atuação discursiva, externa a esse domínio, não logra êxito em sua ideologia de supressão do sujeito. Na dinâmica dessa crise, a prática interna e o discurso externo da ciência ocupam posições diferente, pois as notícias *fake* são efeito da atividade científica no mundo, que incide negativamente sobre sua dimensão discursiva. Essa distinção e esse aprofundamento das balizas

que orientam a discussão da ciência a partir de Lacan encontram apoio na dinâmica de progressão da verdade, através de sua estrutura de ficção, que não comporta essa instância em sua prática interna, submetendo-a à verificação.

As discussões levantadas nos dois tópicos anteriores objetivaram afastar a designação de estrutura ficcional atribuída à verdade de valorações de rebaixamento e demissão. Indicar que a verdade progride através de uma estrutura de ficção implica que tal instância, marcada por sua impossibilidade, acompanha as próprias atualizações da linguagem, diante dos efeitos concretos da ciência sobre o mundo. A estrutura de ficção atribuída à verdade não se reduz ao nível do semblante, pois comporta fundamentalmente a incomensurabilidade, a independência e a preexistência do campo da linguagem em relação ao enquadre da realidade e de seus objetos. Contudo, ela excede o encadeamento simbólico da verdade — justamente seu núcleo duro e impronunciável —, coincidindo com a dimensão incomensurável da linguagem, destacando a dimensão de real de sua progressão. As *fake news* são tomadas como um capítulo dessa progressão, reabilitando a estrutura da verdade de índice de sua desvalorização para elemento que permite a articulação do real ao irreal, instância distinta do registro imaginário.

4.3 O Retorno da Verdade nas *Fake News*

O absurdo e o disparate diante da ordem do saber, comportados pelas *fake news*, são índices que caracterizam a estrutura de ficção desses conteúdos, estrutura essa a partir da qual se institui a dimensão da verdade. Em um contexto de supressão da verdade e natureza da linguagem, que relega aquela à condição de epifenômeno, as *fake news* performam o substrato da linguagem como manifestações de efeito insituável, evidenciando sua independência dos condicionantes da pretensa realidade: a história e a convenção.

Nesse sentido, do ponto de vista psicanalítico, as pseudonotícias não são apenas um ramo específico da desinformação, mas, sim, manifestações patognomônicas desse movimento,

na medida em que dissolvem a cristalização da atividade simbólica, destacada aqui como ordem do saber, a partir da qual disciplinas e agentes do saber são designados e atuam em nome do conhecimento. Elas incitam a debilidade do saber cristalizado devido à repetição burocrática deste para introduzir conteúdos de linguagem, estranhos ao formalismo da ideologia, e condições de trabalho da ciência, que inspiram os ideais norteadores da época. Dessa forma, as pseudonotícias são o fio condutor do *establishment* rumo à crise, em que são habilitadas as manifestações mais profundas dessa turbulência, como as ondas conspiratórias, a crise da atividade jornalística e o negacionismo. Assim, as *fake news* figuram como cerne da crise provocada pela desinformação, na medida em que acompanham enfaticamente as principais linhas desse fenômeno, comportando desmentido, desautorização de agentes do saber, instauração de narrativas ficcionais e ascensão de novas autoridades.

Na esteira dessa hipótese, aventa-se a explicação auxiliar de que as *fake news* encontram ocasião oportuna para sua aparição no declínio das narrativas míticas, constrangidas pela atuação da ciência, a qual, por sua vez, conserva seus mitos fundadores. Tal hipótese não é descartada e é entendida como uma versão panorâmica do que foi desenvolvido no interior desta pesquisa. Contudo, outras considerações lhe concedem suporte, a partir de frentes não comprometidas com as premissas da psicanálise. O desenvolvimento factual da onda conspiratória denominada *Pizzagate* remonta, em seu início, a uma pseudonotícia cuja multiplicação provocou uma série de suspeitas centralizadas na figura de Hillary Clinton e culminou na fabulação de seu envolvimento com uma complexa rede de pedófilos satanistas.

Esta pesquisa assinala que modificações importantes em narrativas conspiratórias, ondas de desinformação e ataques às instituições democráticas encontram um novo impulso e uma reconfiguração na correlação com o aparecimento de *fake news* disruptivas. Além disso, apenas as pseudonotícias são situáveis em relativa independência a sua estrutura de orientações ideológicas e estratégias políticas, permitindo entrever a visada por trás do lançamento desses

conteúdos em sua veiculação. Nesse modo de atuação, as *fake news* não são propriamente efeitos da cadeia simbólica, situando-se no hiato das movimentações da atividade simbólica e de sua cristalização. Assim, encontra-se, nesses conteúdos, uma parcial externalidade em relação à cadeia simbólica, na medida em que seu impulso impõe reconfigurações nesse domínio.

Enquanto veiculadoras da verdade em sua progressão, as pseudonotícias expõem a articulação dessa instância com o real, impossível de dizer, através de sua estrutura de ficção ou, mantendo a referência aos registros, através de sua associação com o irreal, entendido aqui como o elemento fundante da ficcionalidade da linguagem, a partir do qual se articula determinada amarração. Dessa forma, todas as mediações aqui exigidas convergem para reabilitar a verdade em sua vertente dinâmica e real, mantendo o impossível de dizer e suas reconfigurações através de sua própria estrutura de ficção, demonstrando o potencial de ficcionalidade como verdadeira arma política diante dos impossíveis.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou desenvolver a proposta segundo a qual as *fake news* são uma reação à expansão da energética da ciência. No percurso realizado, foram encontrados entraves que impuseram a necessidade de significativas mediações. Tais mediações respondem por requalificar a ambígua relação entre psicanálise e verdade através das *fake news*.

Nessa altura, os esforços dividiram-se em duas etapas: a primeira delas se concentrou em delimitar a relação do fenômeno das *fake news* com os interesses da psicanálise, enquanto a segunda consistiu em conceder um tratamento para a verdade no interior da teoria psicanalítica, resgatando elementos obnubilados, sobretudo no tocante à dimensão real desse operador, por meio de uma postura de demissão e desvalorização.

Essa demissão relativa à verdade, localizada também no interior da psicanálise, participa do contexto geral das *fake news*. A dinâmica da verdade é demitida pela ideologia da ciência, animando a orientação de diversas classes do saber e capturando, parcialmente, a própria psicanálise. Ao reabilitar o estatuto da verdade em psicanálise, o que se pretende é evidenciar o potencial de uma verdadeira arma política que não se inibe em seu desenvolvimento, mesmo diante dos impossíveis.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia Sagrada* (J. F. Almeida, Trad.). (2015). Casa Publicadora Paulista.
- Aldwairi, M., & Alwahedi, A. (2018). Detecting fake news in social media networks. *Procedia Computer Science*, 141, 215–222. <https://doi.org/10.1016/j.procs.2018.10.171>
- Alharthi, R., Alhothali, A., & Moria, K. (2019). Detecting and characterizing Arab spammers campaigns in Twitter. *Procedia Computer Science*, 163, 248–256. <https://doi.org/10.1016/j.procs.2019.12.106>
- Allcott, H., & Gentzkow, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211–236. <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>
- AlRubaian, M., Al-Qurishi, M., Al-Rakhami, M., Rahman, S. M. M., & Alamri, A. (2015). A multistage credibility analysis model for microblogs. In J. Pei, F. Silvestri & J. Tang (Eds.). *Proceedings of the 2015 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining* (pp. 1434–1440). ACM. <https://doi.org/10.1145/2808797.2810065>
- Aphiwongsophon, S., & Chongstitvatana, P. (2018). Detecting fake news with machine learning method. In *ECTI-CON 2018: 15th International Conference on Electrical Engineering/Electronics, Computer, Telecommunications and Information Technology* (pp. 528–531). IEEE. <https://doi.org/10.1109/ECTICon.2018.8620051>
- Attai, D. J., Anderson, P. F., Fisch, M. J., Graham, D. L., Katz, M. S., Kesselheim, J., Markham, M. J., Pennell, N. A., Sedrak, M. S., Thompson, M. A., Utengen, A., & Dizon, D. S. (2017). Risks and benefits of Twitter use by hematologists/oncologists in the era of

- digital medicine. *Seminars in Hematology*, 54(4), 198–204.
<https://doi.org/10.1053/j.seminhematol.2017.08.001>
- Atodiresei, C. S., Tănăselea, A., & Iftene, A. (2018). Identifying fake news and fake users on Twitter. *Procedia Computer Science*, 126, 451–461.
<https://doi.org/10.1016/j.procs.2018.07.279>
- Avaaz. (2018, 31 de outubro). *Roubadas pelo WhatsApp! Pesquisa mostra que eleições brasileiras foram “inundadas” por fake news.*
https://secure.avaaz.org/act/media.php?press_id=917
- Avaaz. (2020). *Profissionais de saúde denunciam a infodemia nas redes sociais.*
https://secure.avaaz.org/campaign/po/health_disinfo_letter/
- Balmas, M. (2014). When fake news becomes real: combined exposure to multiple news sources and political attitudes of inefficacy, alienation, and cynicism. *Communication Research*, 41(3), 430–454. <https://doi.org/10.1177/0093650212453600>
- Bauskar, S., Badole, V., Jain, P., & Chawla, M. (2019). Natural language processing-based hybrid model for detecting fake news using content-based features and social features. *International Journal of Information Engineering and Electronic Business*, 11(4).
<https://doi.org/10.5815/IJIEEB.2019.04.01>
- Baym, G. (2005). *The Daily Show*: discursive integration and the reinvention of political journalism. *Political Communication*, 22(3), 259–276.
<https://doi.org/10.1080/10584600591006492>
- Bolton, D. M., & Yaxley, J. (2017). Fake news and clickbait—natural enemies of evidence-based medicine. *BJU International*, 119, 8–9. <https://doi.org/10.1111/bju.13883>

- Bond, C. F., & DePaulo, B. M. (2006). Accuracy of deception judgments. *Personality and Social Psychology Review*, 10(3), 214–234. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1003_2
- Bondielli, A., & Marcelloni, F. (2019). A survey on fake news and rumour detection techniques. *Information Sciences*, 497, 38–55. <https://doi.org/10.1016/j.ins.2019.05.035>
- Bruller, H. (2007). *Aparelho sexual e cia*. (E. Brandão, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2001).
- Burkhardt, J. M. (2017). *Combating fake news in the digital age*. ALA. <https://doi.org/10.5860/ltr.53n8>
- Carvalho, D. A. M. (2020). Da verdade historial. *Revista de Teoria da História*, 23(2), 147–166. <https://doi.org/10.5216/rth.v23i2.65504>
- Carvalho, O. (2001, 5 de julho). *De volta à academia*. <https://olavodecarvalho.org/de-volta-a-academia/>
- Carvalho, O. [@OdeCarvalho]. (2015, 4 de abril). *A psicanálise é uma pseudociência, mas qualquer pseudociência, praticada por tempo suficiente, pode acabar virando uma espécie de sabedoria* [Tweet]. Twitter. <https://twitter.com/OdeCarvalho/status/584441378970669056>
- Castro, J. E. D. (2009). Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora*, 12, 245–258. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000200006>
- Cimenti, M. E. (2019). A frágil figura da verdade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(1), 85–92. <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/408>

- Clinton, P. (2017). The genuine problem of fake news. *PNAS*, 114(52).
<https://doi.org/10.1073/pnas.1719005114>
- Coelho dos Santos, T. (2016). O Outro que não existe: verdade verídica, verdades mentirosas e desmentidos veementes. *Ágora*, 19, 565–604. <https://doi.org/10.1590/S1516-1498201600301>
- Colliander, J. (2019). “This is fake news”: investigating the role of conformity to other users’ views when commenting on and spreading disinformation in social media. *Computers in Human Behavior*, 97, 202–215. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.03.032>
- Cosentino, G. (2020). From Pizzagate to the great replacement: the globalization of conspiracy theories. In *Social media and the post-truth world order* (pp. 59–86). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-030-43005-4_3
- Couto, L. F. S. (2010). Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. In F. Kyrillos Neto & J. O. Moreira (Eds.). *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 59–80). Editora UEMG.
- Desouza, K. C., Ahmad, A., Naseer, H., & Sharma, M. (2020). Weaponizing information systems for political disruption: the Actor, Lever, Effects, and Response Taxonomy (ALERT). *Computers & Security*, 88. <https://doi.org/10.1016/j.cose.2019.101606>
- Dunker, C. I. L., & Kyrillos Neto, F. (2011). A crítica psicanalítica do DSM-IV: breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 14(4), 611–626. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000400003>

- Dutilleul, A., Morel, J., Schilte, C., Launay, O., Autran, B., Béhier, J.-M., Borel, T., Bresse, X., Chêne, G., Courcier, S., Dufour, V., Faurisson, F., Gagneur, A., Gelpi, O., Gérald, F., Kheloufi, F., Koeck, J.-L., Lamarque-Garnier, V., Lery, T., ... & Dufour, V. (2019). How to improve vaccine acceptability (evaluation, pharmacovigilance, communication, public health, mandatory vaccination, fears and beliefs). *Therapies*, 74(1), 131–140. <https://doi.org/10.1016/j.therap.2018.12.005>
- Ehrenfeld, D., & Barton, M. (2019). Online public spheres in the era of fake news: implications for the composition classroom. *Computers and Composition*, 54. <https://doi.org/10.1016/j.compcom.2019.102525>
- Elsevier. (2019). *Scopus: data. Curated. Connected. Complete.* https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0017/114533/Scopus_GlobalResearch_Factsheet2019_FINAL_WEB.pdf
- Feld, H. (2020). From the telegraph to Twitter: the case for the digital platform act. *Computer Law & Security Review*, 36. <https://doi.org/10.1016/j.clsr.2019.105378>
- Fetzer, J. H. (2004). Disinformation: the use of false information. *Minds and Machines*, 14(2), 231–240. <https://doi.org/10.1023/B:MIND.0000021683.28604.5b>
- Fischer, A. (2019). La question de la vaccination en France. *Revue Francophone des Laboratoires*, 2019(512), 36—41. [https://doi.org/10.1016/S1773-035X\(19\)30256-4](https://doi.org/10.1016/S1773-035X(19)30256-4)
- Flood, A. (2017, November 2). Fake news is “very real” word of the year for 2017. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/books/2017/nov/02/fake-news-is-very-real-word-of-the-year-for-2017>

- Forest, C. (2018). PubPeer contre “fake news” en sciences? *Ethics, Medicine and Public Health*, 4, 9–11. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jemep.2018.01.009>
- Frankovic, K. (2016, December 27). *Belief in conspiracy theories depends largely on which side of the spectrum you fall on*. YouGov. <https://today.yougov.com/topics/politics/articles-reports/2016/12/27/belief-conspiracies-largely-depends-political-iden>
- Freitas Barroso, A., & Ferrari, I. F. (2014). O último ensino de Lacan: há algo para além da linguagem. *Calidoscópico*, 12(2), 249–254. <https://doi.org/10.4013/cld.2014.122.12>
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Junior, Trad.). Imago. (Trabalho original produzido em 1895 e publicado em 1950).
- Freud, S. (2016). Tratamento psíquico (tratamento anímico) (C. Dornbusch, Trad.). In G. Iannini (Ed.). *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 6, pp. 19–46). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1890).
- Gerdol, M., Fujii, Y., Pallavicini, A., & Ozeki, Y. (2019). Response to the editorial “Fake news” by Prof. Brian Morton. *Marine Pollution Bulletin*, 141, 363–365. <https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2019.02.061>
- Gesualdo, F., Zamperini, N., & Tozzi, A. E. (2018). To talk better about vaccines, we should talk less about vaccines. *Vaccine*, 36(34), 5107. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2018.07.025>
- Ghosh, R., Surachawala, T., & Lerman, K. (2011, June 2). Entropy-based classification of “retweeting” activity on Twitter. *arXiv*. <https://arxiv.org/abs/1106.0346>

- Gillin, J. (2016, December 5). *How Pizzagate went from fake news to a real problem for a D.C. business*. PolitiFact. <https://www.politifact.com/article/2016/dec/05/how-pizzagate-went-fake-news-real-problem-dc-busin/>
- Goldberg, D. [@DavidGoldbergNY]. (2016, October 30). *Rumors stirring in the NYPD that Huma's emails point to a pedophila ring and @HillaryClinton is at the center* [Tweet]. Twitter. <https://twitter.com/DavidGoldbergNY/status/792766614827470848>
- Gori, R. (2010). As patologias do niilismo em nossa modernidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(1), 107–129.
- Grech, V. (2017). Fake news and post-truth pronouncements in general and in early human development. *Early Human Development*, 115, 118–120. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2017.09.017>
- Griffiths, B. D. (2017, December 29). *State Department releases emails from computer Huma Abedin shared with Anthony Weiner*. Politico. <https://www.politico.com/story/2017/12/29/huma-abedin-emails-state-department-anthony-weiner-319635>
- Guacho, G. B., Abdali, S., Shah, N., & Papalexakis, E. E. (2018). Semi-supervised content-based detection of misinformation via tensor embeddings. In U. Brandes, C. Reddy, A. Tagarelli (Eds.). *Proceedings of the 2018 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining* (pp. 322–325). ACM. <https://doi.org/10.1109/ASONAM.2018.8508241>
- Guerra, A. M. C. (2010). Psicanálise e produção científica. In F. Kyrillos Neto & J. O. Moreira (Eds.). *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 130–145). Editora UEMG.

- Guerrero, J. M. (2020). Mind mapping in artificial intelligence for data democracy. In F. A. Bataresh & R. Yang (Eds.). *Data democracy: at the nexus of artificial intelligence, software development, and knowledge engineering* (pp. 45–82). Academic Press.
- Harper, L., Herbst, K. W., Bagli, D., Kaefer, M., Beckers, G. M. A., Fossum, M., & Kalfa, N. (2020). The battle between fake news and science. *Journal of Pediatric Urology*, 16(1), 114–115. <https://doi.org/10.1016/j.jpurol.2019.12.004>
- Hayes, C., & Slack, D. (2017, December 29). *State Department releases classified emails from Clinton aide Huma Abedin found on Anthony Weiner's computer*. USA Today. <https://www.usatoday.com/story/news/politics/2017/12/29/state-releases-huma-abedins-work-docs-found-anthony-weiners-computer/990912001/>
- Hosseinimotlagh, S., & Papalexakis, E. E. (2018, February 9). *Unsupervised content-based identification of fake news articles with tensor decomposition ensembles* [Paper presentation]. Misinformation and Misbehavior Mining on the Web, Los Angeles, California, United States. http://snap.stanford.edu/mis2/files/MIS2_paper_2.pdf
- Innes, M., Davies, B., & Lowe, T. (2019, December 4). Counter-governance and “post-event prevent”: regulating rumours, fake news and conspiracy theories in the aftermath of terror. *International Journal of Law, Crime and Justice*. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2019.100370>
- Ireton, C., & Posetti, J. (2018). *Journalism, “fake news” and disinformation*. Unesco. <https://en.unesco.org/fightfakenews>
- Jensen, T. (2016, December, 9). *Trump remains unpopular; voters prefer Obama on SCOTUS pick*. Public Policy Polling. <https://www.publicpolicypolling.com/polls/trump-remains-unpopular-voters-prefer-obama-on-scotus-pick/>

- Julien, P. (1996). *O estranho gozo do próximo* (V. Ribeiro, Trad.). Zahar.
- Kaliyar, R. K., Goswami, A., Narang, P., & Sinha, S. (2020). FNDNet: a deep convolutional neural network for fake news detection. *Cognitive Systems Research*, 61, 32–44. <https://doi.org/10.1016/j.cogsys.2019.12.005>
- Kamel, A. (Diretor). (2018, 28 de agosto). *Jornal Nacional* [Telejornal]. TV Globo. <https://globoplay.globo.com/v/6980198/>
- Koehler, V. F., Mann, U., Nassour, A., & Mann, W. A. (2018). Fake news? Biotin interference in thyroid immunoassays. *Clinica Chimica Acta*, 484, 320–322. <https://doi.org/10.1016/j.cca.2018.05.053>
- Krutzen, H. (2009). *Jacques Lacan. Séminaire 1952–1980: index référentiel* (3e ed.). Economica.
- Lacan, J. (1985). *O seminário: Vol. 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (J.-A. Miller, Ed., & M. D. Magno, Trad.; 2a. ed.). Zahar. (Trabalho original produzido em 1964).
- Lacan, J. (1985). *O seminário: Vol. 20. Mais, ainda* (J.-A. Miller, Ed., & M. D. Magno, Trad.; 2a. ed.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1972 e 1973).
- Lacan, J. (1983). *O seminário: Vol. 1. Os escritos técnicos de Freud* (J.-A. Miller, Ed., & B. Milan, Trad.; 2a. ed.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1953 e 1954).
- Lacan, J. (1992). *O seminário: Vol. 17. O avesso da psicanálise* (J.-A. Miller, Ed., & A. Roitman, Trad.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1969 e 1970).

- Lacan, J. (1995). *O seminário: Vol. 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (J.-A. Miller, Ed., & M. C. L. Penot, Trad.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1954 e 1955).
- Lacan, J. (1995). *O seminário: Vol. 4. A relação de objeto* (J.-A. Miller, Ed., & D. D. Estrada, Trad.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1956 e 1957).
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 869–892). Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998). A coisa freudiana. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 402–437). Zahar. (Trabalho original publicado em 1956).
- Lacan, J. (1998). Juventude de Gide ou a letra do desejo. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 749–775). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2003). *A identificação* (I. Corrêa & M. Bagno, Trans.). Centro de Estudos Freudianos. (Trabalho original produzido entre 1961 e 1962).
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J.-A. Miller (Ed.). *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 567–569). Zahar. (Trabalho original publicado em 1976).
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J.-A. Miller (Ed.). *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 400–447). Zahar. (Trabalho original produzido em 1970).
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J.-A. Miller (Ed.). *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.; pp. 508–544). Zahar. (Trabalho original produzido em 1974).

- Lacan, J. (2007). *O seminário: Vol. 23: O sinthoma* (J.-A. Miller, Ed., & S. Laia, Trad.; 2a. ed.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1975 e 1976).
- Lacan, J. (2009). *O seminário: Vol. 18: De um discurso que não fosse semblante* (J.-A. Miller, Ed., & A. Roitman, Trad.). Zahar. (Trabalho original produzido em 1971).
- Lacan, J. (2012). *O seminário: Vol. 19: ... ou pior* (J.-A. Miller, Ed., & A. Roitman, Trad.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1971 e 1972).
- Lacan, J. (2016). *O seminário: Vol. 6: O desejo e sua interpretação* (J.-A. Miller, Ed., & C. Berliner, Trad.). Zahar. (Trabalho original produzido entre 1958 e 1959).
- Larivière, V., Haustein, S., & Mongeon, P. (2015). The oligopoly of academic publishers in the digital era. *PloS One*, 10(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0127502>
- Lazer, D. M., Baum, M. A., Benkler, Y., Berinsky, A. J., Greenhill, K. M., Menczer, F., Metzger, M. J., Nyhan, B., Pennycook, G., Rothschild, D., Schudson, M., Sloman, S. A., Sunstein, C. R., Thorson, E. A., Watts, D. J., & Zittrain, J. (2018). The science of fake news. *Science*, 359(6380), 1094–1096. <https://doi.org/10.1126/science.aao2998>
- Le Page, M. (2019). We don't know if fake news elected Trump. *New Scientist*, 241(3213), 23. [https://doi.org/10.1016/S0262-4079\(19\)30117-4](https://doi.org/10.1016/S0262-4079(19)30117-4)
- Lee, G. (2017). The importance of facts in this fake news era. *International Emergency Nursing*, 31. <https://doi.org/10.1016/j.ienj.2017.03.001>
- Liberman, A. (2008). *An analytic dictionary of English etymology: an introduction*. University of Minnesota Press.

- Lopez, G. (2016, December 5). *Pizzagate, the fake news conspiracy theory that led a gunman to DC's Comet Ping Pong, explained*. Vox. <https://www.vox.com/policy-and-politics/2016/12/5/13842258/pizzagate-comet-ping-pong-fake-news>
- Lu, D. (2019a). How to fight the spread of fake news. *New Scientist*, 244(3258), 16. [https://doi.org/10.1016/S0262-4079\(19\)32246-8](https://doi.org/10.1016/S0262-4079(19)32246-8)
- Lu, D. (2019b). Don't ban fake news. *New Scientist*, 242(3232), 23. [https://doi.org/10.1016/s0262-4079\(19\)30975-3](https://doi.org/10.1016/s0262-4079(19)30975-3)
- Mann, D. L. (2018). Fake news, alternative facts, and things that just are not true: can science survive the post-truth era? *JACC: Basic to Translational Science*, 3(4), 573. <https://doi.org/10.1016/j.jacbts.2018.06.003>
- Mansfield-Devine, S. (2017). Editorial. *Computer Fraud & Security*, (1), 2. [https://doi.org/10.1016/S1361-3723\(17\)30087-8](https://doi.org/10.1016/S1361-3723(17)30087-8)
- Mansfield-Devine, S. (2018). Hacking democracy: abusing the internet for political gain. *Network Security*, 2018(10), 15–19. <https://doi.org/S1353485818301028>
- Marantz, A. (2016, October 24). *Trolls for Trump*. The New Yorker. <https://www.newyorker.com/magazine/2016/10/31/trolls-for-trump>
- Martinez, M. D. C. (2013). *O campo amoroso e sua relação com a verdade nas teorias de Freud e Lacan* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul]. Repositório Institucional da UFMS. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1778>
- Mayor, M. (Ed.). (2009). *Longman dictionary of contemporary English*. Pearson Education.

- McCoy, J. D., Painter, J. E., & Jacobsen, K. H. (2019). Perceptions of vaccination within a Christian homeschooling community in Pennsylvania. *Vaccine*, 37(38), 5770–5776. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2018.09.036>
- Merriam-Webster. (2006). *Merriam Webster's dictionary and thesaurus*.
- Merriam-Webster. (2018). Fake. In *Merriam-Webster.com dictionary*. Retrieved from <https://www.merriam-webster.com/dictionary/fake>
- Miller, J.-A. (2001). *Fundamentos de biologia lacaniana* (Y. Viela, Trad.). Escola Brasileira de Psicanálise.
- Miller, J.-A. (2014, 17 de abril). *O inconsciente e o corpo falante* (V. A. Ribeiro, Trad.) [Conferência]. 10o. Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Paris, França. <https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>
- Miller, J.-A., & Laurent, E. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Paidós. (Trabajo original producido entre 1996 y 1997).
- Morton, B. (2018). Fake news. *Marine Pollution Bulletin*, 128, 396–397. <http://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2018.01.042>
- Mustafaraj, E., & Metaxas, P. T. (2017). The fake news spreading plague: was it preventable? In *Proceedings of the 2017 ACM on web science conference* (pp. 235–239). ACM. <https://doi.org/10.1145/3091478.3091523>
- Oxford University Press. (1993). Fake. In *The concise Oxford dictionary of English etymology* (p. 526).

- Ozbay, F. A., & Alatas, B. (2020). Fake news detection within online social media using supervised artificial intelligence algorithms. *Physica A*, 540. <https://doi.org/10.1016/j.physa.2019.123174>
- Padovan, C., & Darriba, V. (2016). A noção de psicanálise aplicada nos primeiros anos do movimento psicanalítico. *Psicologia USP*, 27(1), 104–114. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140014>
- Peh, K. S.-H. (2018). Truth matters for conservation and the environment. *Land Use Policy*, 72, 239–240. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2017.12.061>
- Posetti, J., & Matthews, A. (2018). A short guide to the history of fake news and disinformation. *International Center for Journalists*. <https://www.icfj.org/news/short-guide-history-fake-news-and-disinformation-new-icfj-learning-module>
- Potthast, M., Kiesel, J., Reinartz, K., Bevendorff, J., & Stein, B. (2017). A stylometric inquiry into hyperpartisan and fake news. *arXiv*. <https://doi.org/10.18653/v1/P18-1022>
- Quandt, T., Frischlich, L., Boberg, S., & Schatto-Eckrodt, T. (2019). Fake news. *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. <https://doi.org/10.1002/9781118841570.iejs0128>
- Ramirez, R., Ravetz, J., Sharpe, B., & Varley, L. (2019). We need to talk (more wisely) about wisdom: a set of conversations about wisdom, science, and futures. *Futures*, 108, 72–80. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2019.02.002>
- Redekop, K. (2018). Fake news, big data, and the opportunities and threats of targeted actions. *Health Policy and Technology*, 7(2), 113–114. <https://doi.org/10.1016/j.hlpt.2018.05.001>

- Regnault, F. (1989). Essas esquisitices abundantes nos textos psicanalíticos. In G. Miller (Ed.) *Lacan* (pp. 123–135). Zahar.
- Robb, A. (2017, November 16). *Anatomy of a fake news scandal*. Rolling Stone. <https://www.rollingstone.com/feature/anatomy-of-a-fake-news-scandal-125877/>
- Rodrigues, L. D., Oliveira, L. F., Scorza, C. A., Andersen, M. L., Tufik, S., Finsterer, J., & Scorza, F. A. (2019). REM sleep without atonia as prodromal marker of Lewy body disease: fake news or the real deal? *Parkinsonism & Related Disorders*, 67, 34–35. <https://doi.org/10.1016/j.parkreldis.2019.09.017>
- Rubin, V. L., Chen, Y., & Conroy, N. K. (2015). Deception detection for news: three types of fakes. *Proceedings of the Association for Information Science and Technology*, 52(1). <https://doi.org/10.1002/pr2.2015.145052010083>
- Sabiote, R. L., Autran, G. A., & Reis, L. O. (2019). Scientific social media: benefits and risks. *Actas Urológicas Españolas*, 43(10), 517. <https://doi.org/10.1016/j.acuro.2019.06.002>
- Santiago, J. (2001). Lacan e a toxicomania: efeitos da ciência sobre o corpo. *Ágora*, 4, 23–32. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000100002>
- Santoro, V. C. (2006). Clínica psicanalítica e ética. *Reverso*, 28(53), 61–66.
- Savransky, R. (2016, December 27). *Poll: political identity largely affects belief in conspiracies*. The Hill. <https://thehill.com/homenews/campaign/311949-poll-belief-in-conspiracies-largely-depends-on-political-identity>
- Sédat, J. (1995). Dos textos de Marc-François Lacan. *Litoral*, (20), 41–51.

- Shapiro, E. D., Baker, P. J., & Wormser, G. P. (2017). False and misleading information about Lyme disease. *American Journal of Medicine*, 130(7), 771–772.
<https://doi.org/10.1016/j.amjmed.2017.01.030>
- Shu, K., Sliva, A., Wang, S., Tang, J., & Liu, H. (2017). Fake news detection on social media: a data mining perspective. *ACM SIGKDD Explorations Newsletter*, 19(1), 22–36.
<https://doi.org/10.1145/3137597.3137600>
- Shu, K., Wang, S., & Liu, H. (2019). Beyond news contents: the role of social context for fake news detection. In *Proceedings of the Twelfth ACM International Conference on Web Search and Data Mining* (pp. 312–320). ACM.
<https://doi.org/10.1145/3289600.3290994>
- Silva, R. M., Santos, R. L. S., Almeida, T. A., & Pardo, T. A. S. (2020). Towards automatically filtering fake news in Portuguese. *Expert Systems with Applications*, 146.
<https://doi.org/10.1016/j.eswa.2020.113199>
- Silveira, M. F., Buffarini, R., Bertoldi, A. D., Santos, I. S., Barros, A. J., Matijasevich, A., Menezes, A. M. B., Gonçalves, H., Horta, B. L., Barros, F. C., Victora, C. G., & Barata, R. B. (2020). The emergence of vaccine hesitancy among upper-class Brazilians: results from four birth cohorts, 1982–2015. *Vaccine*, 38(3), 482–488.
<https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2019.10.070>
- Sindermann, C., Cooper, A., & Montag, C. (2020). A short review on susceptibility to falling for fake political news. *Current Opinion in Psychology*, 36, 44–48.
<http://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.03.014>

- Sitaula, N., Mohan, C. K., Grygiel, J., Zhou, X., & Zafarani, R. (2020). Credibility-based fake news detection. In *Disinformation, misinformation, and fake news in social media* (pp. 163-182). Springer.
- Søe, S. O. (2018). Algorithmic detection of misinformation and disinformation: Gricean perspectives. *Journal of Documentation*, 74(2), 309–332. <https://doi.org/10.1108/JD-05-2017-0075>
- Soukhanov, A. H. (1992). *The American heritage dictionary of the English language*. Houghton Mifflin.
- Spreadborough, D. (2017). Exposing fraudulent digital images. *Computer Fraud & Security*, 2017(10), 11–13.
- Stewart, J. (Producer). (2005, March 25). [TV series episode]. In J. Stewart & M. Smithberg (Executive Producers). *The Daily Show*. Comedy Partners; Mad Cow Productions; Busboy Productions. <https://www.cc.com/video/by7kvs/the-daily-show-with-jon-stewart-fake-news-controversy>
- Stover, D. (2018). Garlin Gilchrist: fighting fake news and the information apocalypse. *Bulletin of the Atomic Scientists*, 74(4), 283–288.
- Triska, V., & D'Agord, M. (2007). Mito e estrutura: um estudo sobre a verdade em psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, 39, 225–238.
- Valente, J. C. (2019). Regulando desinformação e fake news: um panorama internacional das respostas ao problema. *Comunicação Pública*, 14(27). <https://doi.org/10.4000/cp.5262>
- Valero, P. P., & Oliveira, L. (2018). *Fake news*: una revisión sistemática de la literatura. *Observatorio (OBS*)*, 12(5), 54–78. <https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181374>

- Van der Walt, C. (2017). The impact of nation-state hacking on commercial cyber-security. *Computer Fraud & Security*, 2017(4), 5–10. [https://doi.org/10.1016/S1361-3723\(17\)30030-1](https://doi.org/10.1016/S1361-3723(17)30030-1)
- Vorsatz, I. (2015). O sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência: Descartes, Freud e Lacan. *Psicologia Clínica*, 27(2), 249–273.
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe.
- Weir, W. (2009). Ramesses II: an original master of spin. In *History's greatest lies: the startling truths behind world events our history books got wrong* (pp. 26–42). Fair Winds Press.
- Zhang, X., & Ghorbani, A. A. (2020). An overview of online fake news: characterization, detection, and discussion. *Information Processing & Management*, 57(2). <https://doi.org/10.1016/j.ipm.2019.03.004>
- Zhao, J., Cao, N., Wen, Z., Song, Y., Lin, Y. R., & Collins, C. (2014). #FluxFlow: visual analysis of anomalous information spreading on social media. *IEEE Transactions on Visualization and Computer Graphics*, 20(12), 1773–1782. <https://doi.org/10.1109/TVCG.2014.2346922>
- Zuckerman, E. (2017). Fake news is a red herring. *Deutsche Welle*, 25(1). <https://www.dw.com/en/fake-news-is-a-red-herring/a-37269>